



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

**RESOLUÇÃO Nº 052/2018-CONSEPE, de 30 de abril de 2018.**

Dispõe sobre o Plano Estratégico de Internacionalização da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

A REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE faz saber que o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE, usando da atribuição que lhe confere o artigo 17, Inciso XII do Estatuto da UFRN,

CONSIDERANDO a importância da internacionalização no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRN;

CONSIDERANDO a importância de se institucionalizar as ações de internacionalização como uma prática acadêmica constante, regulamentada em todos os níveis da administração;

CONSIDERANDO a necessidade de um plano estratégico que direcione as atividades de internacionalização da UFRN;

CONSIDERANDO as diretrizes estabelecidas na Política de Internacionalização da UFRN, aprovada na RESOLUÇÃO Nº 189/2017-CONSEPE, de 20 de novembro de 2017;

CONSIDERANDO as diretrizes estabelecidas na Política de Linguística da UFRN, aprovada através da Resolução nº 066/2017-CONSEPE, de 04 de abril de 2017, publicada no Boletim de Serviço nº 0662017, de 07 de abril de 2017;

CONSIDERANDO o que consta no processo nº 23077.025268/2018-01

**RESOLVE:**

**Art. 1º** Aprovar a regulamentação do Plano Estratégico de Internacionalização da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, sendo parte integrante e inseparável desta Resolução.

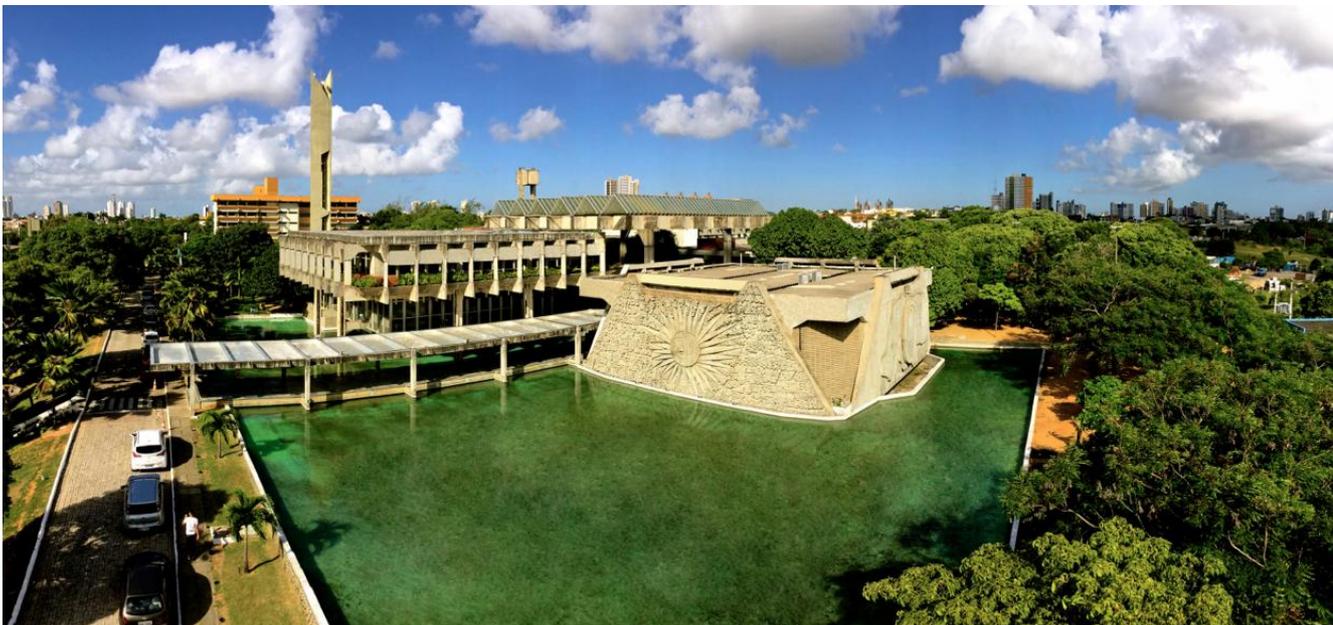
**Art. 2º** Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Reitoria, em Natal, 30 de abril de 2018.

Ângela Maria Paiva Cruz  
**REITORA**

# PLANO ESTRATÉGICO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFRN

2018 - 2023



**NATAL, 2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**Plano Institucional de Internacionalização**

**1. Introdução**

O Plano Institucional de Internacionalização da UFRN apresenta as estratégias para a ampliação da sua inserção internacional, bem como as metas a que, uma vez atingidas, somadas ao que se obteve até o presente, resultarão na solidez de um processo de crescimento permanente e autossustentável.

As parcerias com instituições internacionais e instituições brasileiras parceiras em atividades no exterior tem permitido uma cooperação acadêmica e científica significativa em diferentes áreas, com resultados positivos, como a consolidação de institutos estratégicos para a pesquisa, o crescimento do número de publicações conjuntas com parceiros estrangeiros, o desenvolvimento de produtos e serviços de ampla repercussão nacional e o registro de patentes.

Estamos em um estágio em que algumas áreas, como a Física, a Neurociência, a Medicina Tropical, as Engenharias e a Tecnologia e Informática, além das ciências humanas e sociais, já alcançaram um patamar elevado de cooperação internacional e de visibilidade externa, constituindo-se em áreas estratégicas para a UFRN e permitindo-nos avançar nas parcerias que se estendem inclusive para as demais áreas. É chegado, pois, o momento de direcionarmos melhor nossos esforços no fortalecimento dessas áreas estratégicas, de forma a permitir o avanço seguro do processo de internacionalização, com uma produção científica sempre mais destacada e atestada internacionalmente. Longe de promover qualquer situação excludente, o apoio a essas áreas significa, para as áreas em ascensão, uma base sólida para o crescimento geral da UFRN.

É necessário direcionarmos nossos esforços para um horizonte comum, no que diz respeito à internacionalização e esta é a razão de ser do planejamento que aqui se propõe, em conformidade com o que determina a Política de Internacionalização da UFRN, aprovada na Resolução n. 189/2017-CONSEPE, de 20 de novembro de 2017.

## 2. Análise situacional

### 2.1 A internacionalização da UFRN na vigência do PDI 2009-2019<sup>1</sup>

O Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRN para o período de 2009 a 2019 representa um marco na história da instituição pelo direcionamento seguro que deu não apenas às atividades acadêmicas mas também aos investimentos feitos em áreas específicas, que corresponderam, em alguns casos acima das expectativas, aos objetivos lançados. O índice de sucessos obtidos nesse planejamento é quase absoluto e, entre as áreas que mais se destacam nesse sucesso, está a internacionalização.

Já na definição da universidade pretendida com esse plano, a internacionalização aparece como meta incontornável:

Uma Universidade com *inserção internacional* e sustentabilidade em suas ações, com uso disseminado de tecnologias de informação e de comunicação nas práticas acadêmicas, flexibilidade curricular na formação e *mobilidade interna e externa*, mantendo a oferta de cursos em áreas estratégicas e qualidade da formação com novas modalidades e educação continuada e sendo referência em produção de conhecimentos em áreas de fronteira e estratégicas para o desenvolvimento socioeconômico, buscando inovação, com estreita interação com a sociedade, poderes públicos, setor produtivo e movimentos sociais, induzindo políticas públicas e compartilhando conhecimentos.<sup>2</sup>

Com essa meta, era necessário criar toda a infraestrutura que viria a possibilitar a abertura necessária para a interação com outras culturas, daí o objetivo geral que explicita o ingrediente fundamental para essa abertura:

Potencializar o *princípio da flexibilidade* e preparar docentes, técnicos administrativos e discentes para interações multiculturais, necessárias à mobilidade interna e externa, mediante o aproveitamento de estudos e o trânsito entre cursos, programas e *campi* da UFRN, e de outras instituições de Ensino Superior, nacionais e internacionais.”<sup>3</sup>

Para isso, determinava-se a expansão e qualificação do Sistema de Pós-graduação *Strictu sensu*, de forma a tornar os cursos competitivos e melhorar a atratividade tanto de potenciais parceiros quanto de novos alunos. Promoveu-se, igualmente, a expansão dos grupos de pesquisa, que se alimentaram das novas parcerias e, ao mesmo tempo, contribuíram para a qualificação dos programas de Pós-graduação, qualificando as novas propostas e consolidando os cursos existentes então.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://ufrn.br/resources/documentos/pdi/PDI-2010-2019-final.pdf>  
Available in: <http://ufrn.br/resources/documentos/pdi/PDI-Institutional-Development-Plan-2010-2019.pdf>

<sup>2</sup> UFRN. *Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2019*. Natal: UFRN, 2010. p. 37. (Grifos nossos).

<sup>3</sup> Idem, p. 41. (Grifo nosso).

O Projeto Pedagógico Institucional foi de suma importância para a afirmação da UFRN como um terreno fértil para a expansão, implantada de forma segura, sem esquecer, em cada nível acadêmico e na administração central, de incentivar as aberturas necessárias ou de criar os mecanismos apropriados para a meta da internacionalização.

Assim, na Graduação, estimulou-se a flexibilidade nas atividades de ensino e a mobilidade estudantil, “mediante o *aproveitamento da carga horária e do conhecimento adquirido com a circulação de estudantes entre cursos, programas e instituições de educação superior*”<sup>4</sup>, o que viria a ser a base para toda a mobilidade de graduação, incrementada sobretudo no período de vigência do Programa Ciência sem Fronteiras.

Na Pós-Graduação, estimulou-se a cooperação acadêmica em articulação com os grupos de pesquisa, “visando à referência nacional, à *inserção internacional*, ao estabelecimento de redes de pesquisa com intercâmbio no sistema de pós-graduação e à busca de um *padrão internacional na formação*”<sup>5</sup>. Esse estímulo se traduz, como veremos adiante, no crescimento do número de acordos de cooperação e no desenvolvimento de pesquisas conjuntas, muitas delas já apresentando resultados convertidos em patentes.

O atual PDI também não perdeu de vista a importância da “institucionalização de mecanismos para garantir a mobilidade acadêmica entre instituições de Ensino Superior, nacionais e estrangeiras”<sup>6</sup>, promovendo, assim a organização administrativa das ações de cooperação e oficializando a participação da UFRN em projetos externos. Para isso, implantou-se uma Secretaria de Relações Internacionais, “com as atribuições de promoção, coordenação, estímulo, supervisão, controle e avaliação das atividades internacionais da UFRN”<sup>7</sup>. Essa Secretaria substituiu a antiga Assessoria de Assuntos Internacionais, que era ligada diretamente ao Gabinete do Reitor. Com a criação da SRI, a internacionalização passou a ser uma pasta autônoma, com orçamento próprio e maior liberdade para a centralização dos assuntos internacionais e a promoção de atividades direcionadas para a promoção da UFRN no exterior.

Outra iniciativa importante para se criar uma base sólida para a internacionalização foi a criação do Instituto Ágora de Línguas, Literaturas e Culturas Estrangeiras. Esse instituto já atua há quase dez anos na capacitação dos professores, técnico-administrativos e alunos da UFRN para uma comunicação efetiva em línguas estrangeiras, além de oferecer cursos de língua portuguesa aos professores e estudantes estrangeiros. O PDI já contava, então, com o potencial do Instituto Ágora “para a formação de um grupo de excelência na região e para maior visibilidade da UFRN em seu esforço de internacionalização”<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> Idem, p. 55-56. (Grifo nosso).

<sup>5</sup> Idem, p. 58. (Grifo nosso).

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>7</sup> Idem, p. 64.

<sup>8</sup> Idem, p. 24.

O desenvolvimento das ações propostas no PDI exigia, pois, uma gestão robusta, não apenas em suas decisões cotidianas mas também na captação de recursos e no bom uso dos recursos obtidos, o que foi possível com a participação da UFRN no Plano de Reestruturação das Universidades – REUNI e com o estabelecimento de parcerias estratégicas dentro e fora da esfera governamental.

## 2.2 A internacionalização nos Planos de Gestão

Coube às duas gestões da Reitora Ângela Maria Paiva Cruz, de 2011 a 2015 e de 2015 a 2019, não apenas a anuência ao que se definia no Plano de Desenvolvimento Institucional mas também a definição de ações precisas para que os objetivos fossem alcançados ou redimensionados segundo as variações externas às quais as universidades federais precisaram se adaptar ao longo desses dez anos.

O Plano de Gestão 2011-2015 se orientava por Programas Estruturantes e o primeiro deles era “Expansão Acadêmica com Qualidade”, no qual, além das preocupações com a sustentabilidade, a flexibilidade dos currículos e o incentivo à mobilidade em todos os níveis de ensino, previa-se, como linha de ação:

Indução de ações junto aos grupos de pesquisa, visando à cooperação acadêmica, à referência nacional e à inserção internacional, atendendo aos desafios do conhecimento e à solução de problemas regionais.<sup>9</sup>

Cumprir destacar que, na UFRN, a internacionalização não é vista como um fim em si mesma e, sobretudo, não é vislumbrada de forma dissociada da realidade local. Por esse motivo, no Programa Estruturante “Universidade Cidadã”, as parcerias externas figuram na linha de ação número 5, como forma fortalecer programas e projetos acadêmicos que “consolidem a interação com os diferentes segmentos da sociedade e reafirmem o compromisso social da UFRN”<sup>10</sup>. Isso se refletia também no programa “Ciência, Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Estratégico”, cuja primeira linha de ação era:

Consolidação dos projetos estratégicos da UFRN que atuam em áreas de fronteira do conhecimento humano e que articulem a internacionalização das atividades acadêmicas e seu direcionamento para o desenvolvimento regional e nacional.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> UFRN. *Novas conquistas*: plano de gestão 2011-2015. Natal: EDUFRN, 2012, p. 42.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 48

<sup>11</sup> *Idem*, p. 51

Esse mesmo programa, entretanto, não negligenciava em sua preocupação com a excelência, apresentando, em sua linha número 9, a “criação e consolidação de redes e núcleos temáticos disciplinares e interdisciplinares, buscando interações nacionais e internacionais nas suas áreas de excelência”<sup>12</sup>.

Alguns resultados dessa primeira gestão já se refletem no Plano de Gestão 2015-2019, no qual a internacionalização está incluída no primeiro eixo programático: “Qualidade acadêmica, interiorização e internacionalização”, e a análise que se fazia então desse processo na UFRN refletia já a preocupação maior em ter a inserção internacional como meta importante para a sedimentação de um caminho para a excelência:

No contexto da internacionalização, a UFRN contabilizou avanços na expansão da inserção de alunos em programas de mobilidade estudantil. Na perspectiva da flexibilização curricular e de novos itinerários formativos e no âmbito da política de internacionalização, a UFRN conta com a participação de 695 alunos de graduação estudando em instituições internacionais e com 189 acordos em 36 países, dentre os quais os Estados Unidos, a França, o Reino Unido, o Canadá e Portugal destacam-se com maior número de alunos. Do mesmo modo, na esfera da pós-graduação, a internacionalização apresentou avanços no período, também com a mobilidade acadêmica como principal fator de articulação da internacionalização dos programas de pós-graduação.<sup>13</sup>

Essa preocupação fica definitivamente registrada no objetivo de “expandir as ações de internacionalização tendo como objetivo promover os processos de integração da dimensão internacional, intercultural e de intercâmbio institucional no ensino e na pesquisa tendo em vista a excelência acadêmica”<sup>14</sup>.

## 2.2 Atividades da SRI

Iniciando suas atividades em 2010, a SRI precisou primeiramente estruturar-se como unidade independente e mapear as necessidades institucionais para a implantação de uma rotina no esforço de internacionalização. Foram criadas, assim, as coordenações internas voltadas para cada um dos eixos da internacionalização: a mobilidade, os acordos e o apoio linguístico.

A UFRN já vinha participando de projetos submetidos ao BRAFITEC e já havia participado ativamente da criação da rede de universidades que passou a se chamar Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras, através do qual integrou o Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), estabelecido com o apoio da CAPES. Também já estava consolidada sua participação no Grupo Tordesillas,

---

<sup>12</sup> *Idem*, p. 53.

<sup>13</sup> UFRN. *Avanços e desafios: plano de gestão 2015-2019*. Natal: EDUFRN, 2017. p. 36.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 49.

que reúne universidades brasileiras e ibéricas, e no projeto pioneiro de cooperação solidária mantido pelo Governo Brasileiro, o Programa de Estudantes de Convênio, desdobrado em Graduação (PEC-G) e Pós-graduação (PEC-PG). Também em 2010 a UFRN integrou o grupo de universidades brasileiras que trabalhou em um projeto financiado pela União Europeia para a criação de um programa de mobilidade discente no Mercosul, que chegou a implantar um projeto piloto, mas foi descontinuado. Houve, finalmente, a adesão ao programa de bolsas do Banco Santander destinado a instituições luso-brasileiras.

Em 2011, no início da primeira gestão da Profa. Angela Paiva Cruz, além de manter sua presença nos mesmos programas dos quais já vinha participando, a UFRN passou a integrar também o BRAFAGRI e o programa de bolsas do Santander para as instituições Ibero-americanas. Este foi, entretanto, o ano da criação do Programa Ciência sem Fronteiras, cujo início coincidiu com o início da nova gestão na UFRN e que viria a exigir um grande esforço para o atendimento com qualidade das diversas demandas que se apresentavam então.

A UFRN esteve presente em quase todas as missões da CAPES e do CNPq nos países parceiros do Governo Brasileiro para o recebimento de nossos estudantes. Além disso, detectando a necessidade de facilitar o processo de certificação da proficiência em língua inglesa dos estudantes que se inscreviam no programa, a UFRN foi uma das primeiras universidades a apresentar sua candidatura para tornar-se centro aplicador dos exames TOEFL e IELTS, aumentando assim a oferta de provas realizadas em Natal e possibilitando aos alunos, sobretudo os que se encontravam em situação sócio-econômica desfavorável, a obtenção dos certificados de proficiência sem o custo adicional de viagens para a participação nos exames. Outro mecanismo criado pela UFRN para atender a esses mesmos alunos, logo nas primeiras turmas enviadas ao exterior, foi o apoio à obtenção de passaportes e vistos, que não eram cobertos pela bolsa recebida pelos alunos e que poderiam impedir a participação de muitos deles. Isso foi possível com o apoio da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e com os recursos do PNAES.

Entre 2012 e 2015, intensificamos a participação da UFRN no programa Ciência sem Fronteiras e passamos a receber mais bolsas dos programas desenvolvidos pelo Banco Santander. Além disso, nossos professores tiveram projetos aprovados no âmbito dos acordos bilaterais da CAPES e, além do BRAFITEC, enviamos e recebemos alunos também nos programas BRAFAGRI, BRANETEC e Brasil-Cuba. Mantivemos uma participação significativa no Programa de Estudantes de Convênio de Graduação (PEC-G), sob a responsabilidade do MEC e do MRE, e recebemos alunos também no PEC-PG, este voltado para a pós-graduação. No âmbito da cooperação entre os países do Mercosul, mantivemos o curso de Arquitetura no Programa MARCA e participamos da criação de um projeto piloto de mobilidade de estudantes para o MERCOSUL, que, infelizmente, não passou da experiência-piloto.

Na gestão iniciada em 2015, procuramos nos adaptar ao novo contexto, marcado sobretudo pela crise econômica e pelos contingenciamentos. Houve

uma queda abrupta no envio de estudantes ao exterior, com o fim do Programa Ciência sem Fronteiras, o que nos fez retornar a números semelhantes aos do período anterior a esse programa. No que diz respeito especificamente à mobilidade discente, sobretudo no nível da graduação, a UFRN ainda não desenvolveu um programa próprio, que pudesse permitir uma estabilidade dos números pelo menos em um patamar mínimo. O fato de dependermos, para essa atividade, de fomentos externos, deixa-nos expostos à instabilidade econômica do país, que refletiu não só no fim do CsF, mas também na diminuição do número de bolsas ofertadas por outros programas, como os do Banco Santander, do DAAD e da própria CAPES.

Algumas das boas práticas que desenvolvemos na SRI ao longo de seus oito anos de existência permitem-nos dar o devido suporte para o avanço da internacionalização da UFRN. Entre essas práticas, destacamos:

- Tradução para o inglês, o francês e o espanhol de todas as disciplinas dos cursos de graduação e de pós-graduação, permitindo ao aluno estrangeiro o conhecimento dos programas da UFRN.
- Tradução dos documentos oficiais da UFRN, sem custos, sempre que alunos, mesmos os egressos, e professores os solicitam para permitir-lhes o acesso a instituições estrangeiras.

## Traduções Realizadas

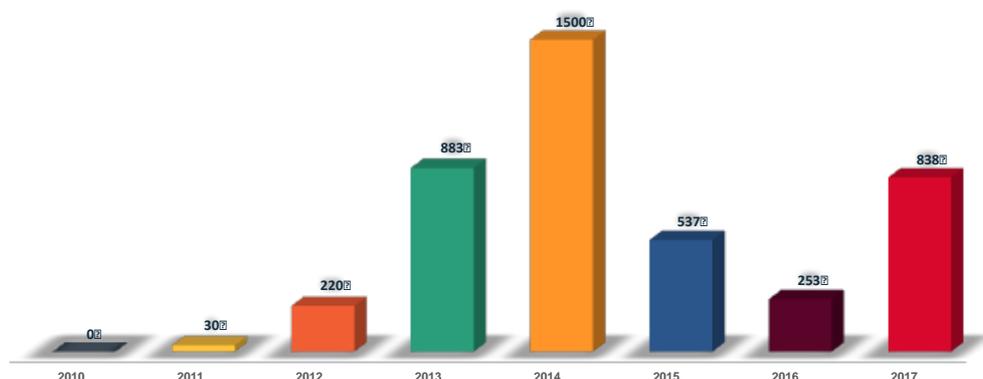


Gráfico 1 – Quantitativo de documentos oficiais da UFRN traduzidos para outras línguas, por ano. Fonte: SRI-UFRN, 2018.

- Criação, em 2014, de um mecanismo de apoio financeiro aos alunos em vulnerabilidade sócio-econômica contemplados com bolsas de mobilidade para obtenção de passaporte e visto, bem como para realização de exames de proficiência. Iniciativa executada em parceria com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e financiada com recursos do PNAES.

## Auxílios Financeiros para Mobilidade

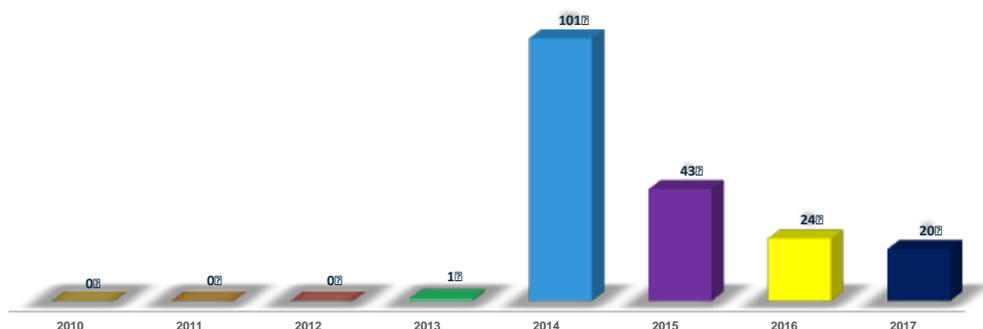


Gráfico 2 – Quantitativo de alunos vulnerabilidade sócio-econômica que receberam apoio financeiro para obtenção de passaporte e visto, por ano. Fonte: SRI-UFRN, 2018. O gráfico reflete, na curva descendente, o período que se seguiu à extinção do Programa Ciência sem Fronteiras. Fonte: SRI/PROAE-UFRN

- Lançamento, em 2014, do Edital de Apoio à Mobilidade Docente, com concessão de um apoio financeiro aos professores que vão executar atividades docentes no exterior, com recursos do orçamento da UFRN, atribuídos à SRI e com participação da Pró-reitoria de Pós-graduação.

## Apoio à Mobilidade Internacional de Docentes da UFRN

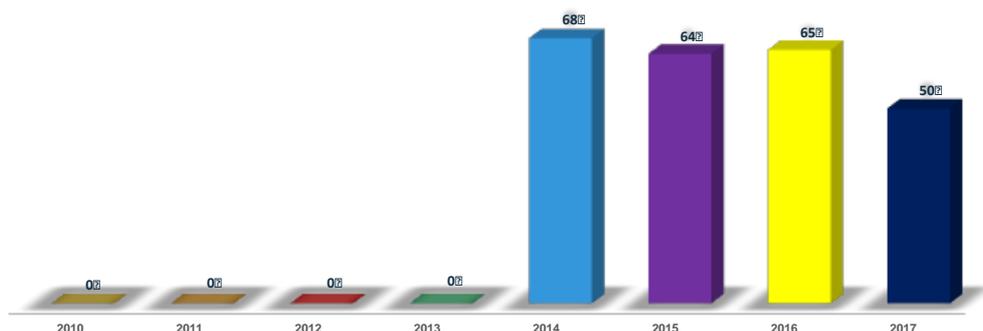


Gráfico 3 – Quantitativo de docentes da UFRN que receberam apoio para a realização de atividades no exterior, por ano. Fonte: SRI-UFRN, 2018.

- Inscrição da UFRN como centro aplicador de exames internacionais, possibilitando aos nossos alunos, sobretudo aqueles em vulnerabilidade

sócio-econômica, a realização de exames de proficiência em línguas estrangeiras em Natal. Aplicamos exames de Espanhol e Alemão, mas são os exames de Inglês que se destacam numericamente. Essa atividade é realizada com o apoio do Instituto Ágora.

## Aplicações de Exames de Proficiência TOEFL IBT

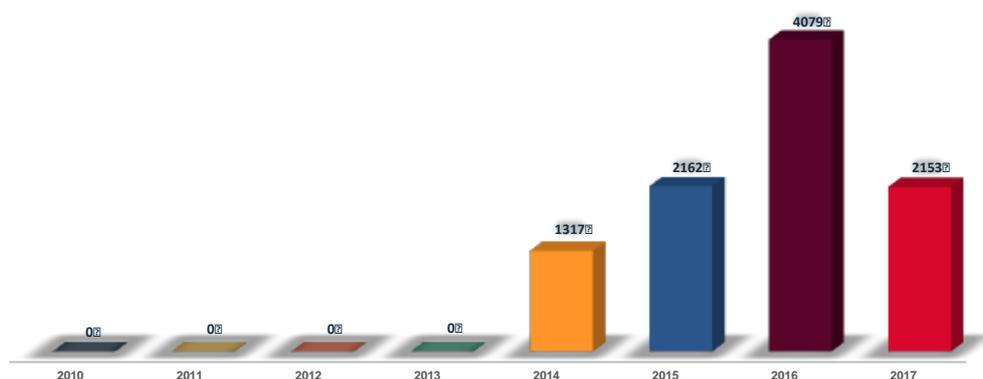


Gráfico 4 – Quantitativo dos exames TOEFL IBT aplicados na UFRN por ano. Fonte: ÁGORA/Nucli-UFRN, 2018.

## Aplicações de Exames de Proficiência IELTS

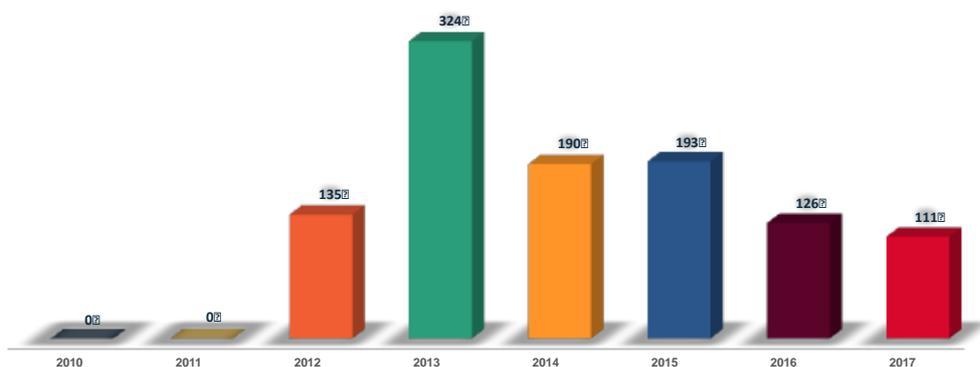


Gráfico 5 – Quantitativo dos exames IELTS aplicados na UFRN por ano. Fonte: ÁGORA/Nucli-UFRN, 2018.

Quanto aos acordos internacionais, mantivemos um número crescente, mas no limite do desejável, uma vez que a expressividade numérica nesse setor nem sempre reflete a efetividade das cooperações. Por esse motivo, temos tentado

qualificar sempre mais as relações com outras instituições, privilegiando a manutenção de acordos que permitem resultados concretos.

Os números exatos da internacionalização nessas duas gestões aparecerão nas metas e atividades propostas. Até o presente momento, a presença da UFRN em instituições e projetos internacionais se reflete no Gráfico 1, abaixo, que serve também como indicativo dos países e regiões em que é necessário que ela inicie ou amplie a cooperação científica.

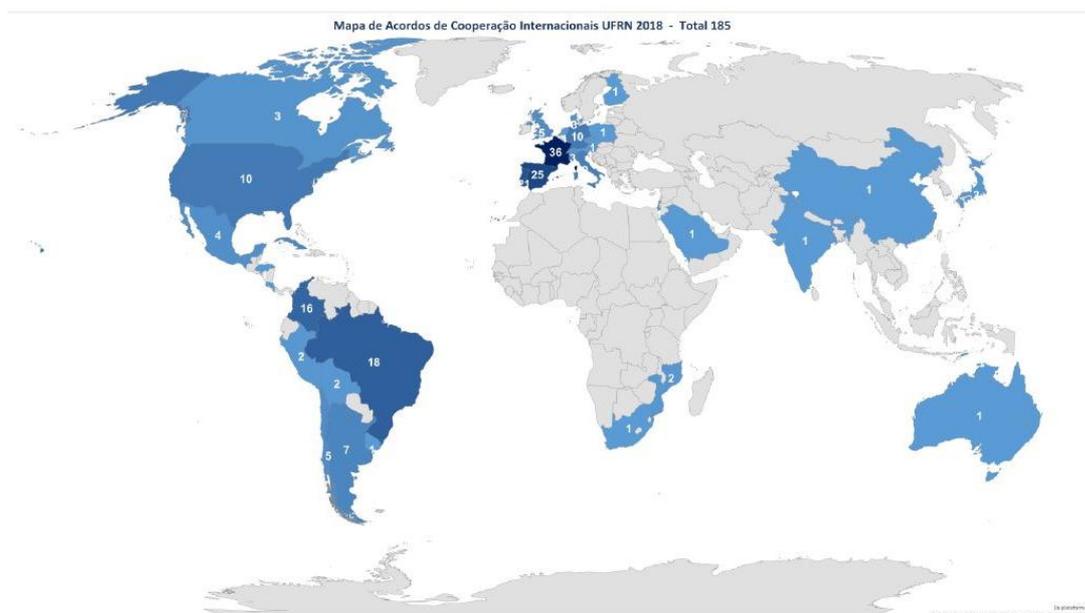


Gráfico 6: Presença da UFRN em instituições e projetos internacionais, por país e número de acordos. Fonte: SRI-UFRN, 2018.

### 2.3 A confiança no futuro

No ano em que completa seus sessenta anos, marcados, desde o início, por uma estreita relação com a sociedade potiguar e por reflexos intensos de suas ações no cotidiano northeriograndense, a UFRN dispõe de uma infraestrutura física e organizacional que a coloca em posição bastante favorável para intensificar a quebra de fronteiras na produção do conhecimento. Em outras palavras, tudo aquilo que está à disposição da comunidade acadêmica da UFRN para cursos, pesquisas de ponta, desenvolvimento de técnicas e produtos permite continuarmos a passos largos o processo de internacionalização.

Nas áreas definidas como estratégicas pelo PDI 2010-2019, concretizamos inúmeros projetos e criamos uma estrutura que já tem permitido a qualificação das pesquisas de nossos professores, bem como dos resultados nelas obtidos. Isso se verifica, por exemplo, na recente avaliação quadrienal da CAPES, que elevou a nota de vários de nossos programas para os conceitos 5 e 6 e nos atribuiu pela primeira vez um conceito 7. Verifica-se, também no crescente

interesse pelas parcerias internacionais, tanto no corpo docente, como no corpo discente. Alguns desses projetos já mantêm uma atividade internacional destacada, como os que destacamos abaixo.

### **Instituto Internacional de Física**



Figura 1: Fachada do Instituto Internacional de Física. Foto: ASCOM-UFRN

O Instituto Internacional de Física tem como missão promover e proporcionar a troca de conhecimento científico com a comunidade internacional. Seus objetivos permanentes são desenvolver e realizar investigação científica nas fronteiras do conhecimento na sua área de atuação e agir de forma decisiva para o desenvolvimento científico do País, servindo, no seu campo de conhecimento, como uma conexão entre os setores de pesquisa básica e aplicada em áreas estratégicas para a economia brasileira.

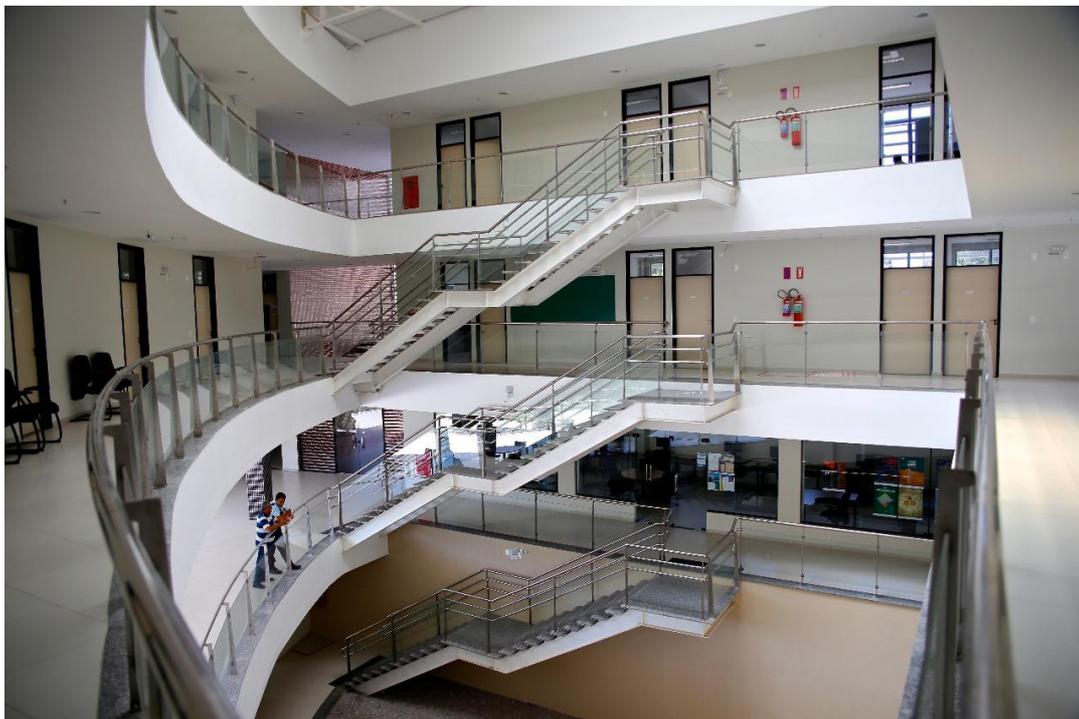


Figura 2: Área central do Instituto Internacional de Física. Foto: ASCOM-UFRN

### Instituto do Cérebro



Figura 3: Equipe do Instituto do Cérebro diante da fachada do prédio-sede. Foto: ASCOM-UFRN

Os projetos desenvolvidos no Instituto do Cérebro abrangem diferentes linhas de pesquisa relacionadas à dinâmica do sistema visual, conexões sensório-motoras, neurobiologia celular, oscilações neurais, comunicação animal, o papel cognitivo do sono, modelos computacionais de circuitos neurais, neuroengenharia e também o estudo dos mecanismos e de possíveis tratamentos

para a epilepsia, doenças vasculares, psicoses, depressão e outros distúrbios neurais.



Figura 4: Atividade de pesquisa no Instituto do Cérebro. Foto: ASCOM-UFRN

### Instituto de Medicina Tropical



Figura 5: Fachada do Instituto de Medicina Tropical. Foto: ASCOM-UFRN

O objetivo principal é do Instituto de Medicina Tropical é consolidar, em doenças infecciosas, o serviço comunitário, o ensino e a pesquisa. O objetivo estratégico é a educação de recursos humanos altamente qualificados em ciência e tecnologia na área médica e a geração de um centro para o diagnóstico, tratamento e a pesquisa, especialmente na área das doenças negligenciadas por centros de regiões mais avançadas. Essas doenças são prevalentes também na África e na Ásia.



Figura 6: Atividade de Pesquisa no Instituto de Medicina Tropical. Foto: ASCOM-UFRN

## O Instituto Ágora



Figura 7: Fachada do Instituto Ágora de Línguas, Literaturas e Culturas Estrangeiras Modernas. Foto: ASCOM-UFRN

O Instituto Ágora de Línguas, Literaturas e Culturas Estrangeiras Modernas tem como principal objetivo oferecer cursos de línguas estrangeiras à comunidade acadêmica da UFRN, acolhendo estudantes, docentes e pessoal técnico-administrativo. Além dos cursos, oferece exames de proficiência, seja para os processos de seleção internos dos diferentes cursos da UFRN, seja os testes oficiais exigidos nos acordos de cooperação com instituições estrangeiras, como o TOEFL e o IELTS. O Ágora recebe os alunos e pesquisadores estrangeiros para cursos gratuitos de Língua Portuguesa, durante o tempo em que eles permanecem na UFRN. Para a comunidade da UFRN, são oferecidos cursos de Inglês, Francês, Espanhol, Alemão e Grego Moderno. Em associação com o Programa Idioma sem Fronteiras, o Ágora promove as ações do NuCLI-UFRN, núcleo de línguas criado para o suporte às atividades de internacionalização e gerido nacionalmente pelo IsF.

## Servidores inscritos em Cursos de Idiomas na UFRN

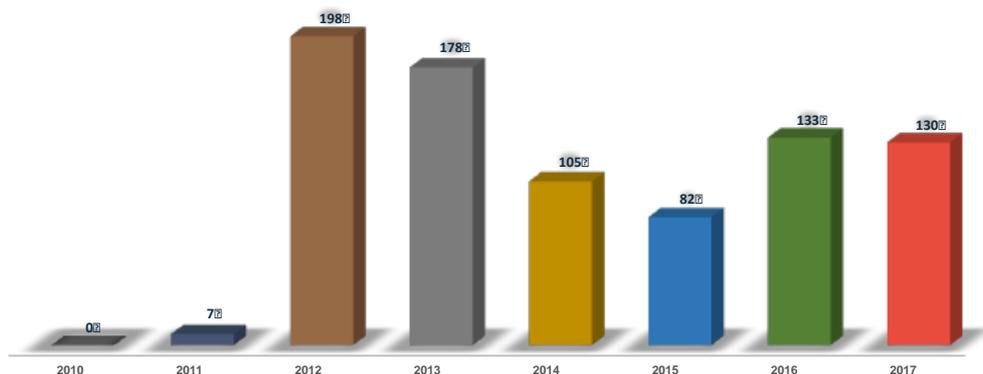


Gráfico 7 – Quantitativo de servidores docentes e técnicos administrativos da UFRN e, cursos de idiomas do Instituto Ágora, por ano. Fonte: PROGESP-UFRN, 2018.

## Engenharias



Figura 8: Fachada do Complexo Tecnológico de Engenharia. Foto: ASCOM-UFRN

O conjunto dos cursos de Engenharia tem um processo de internacionalização destacado, sobretudo com a Alemanha e a França, através de vários projetos financiados pelo DAAD e pelo programa Brafitec, da CAPES. O Complexo Tecnológico, recentemente inaugurado, acolhe os diversos laboratórios de pesquisa e oferece espaço com equipamento altamente qualificado. Vem das Engenharias o primeiro conceito 7 na avaliação da CAPES a um programa de pós-graduação da UFRN, atribuído ao Programa de Pós-Graduação em Ciência e Engenharia de Materiais.

## Escola de Música

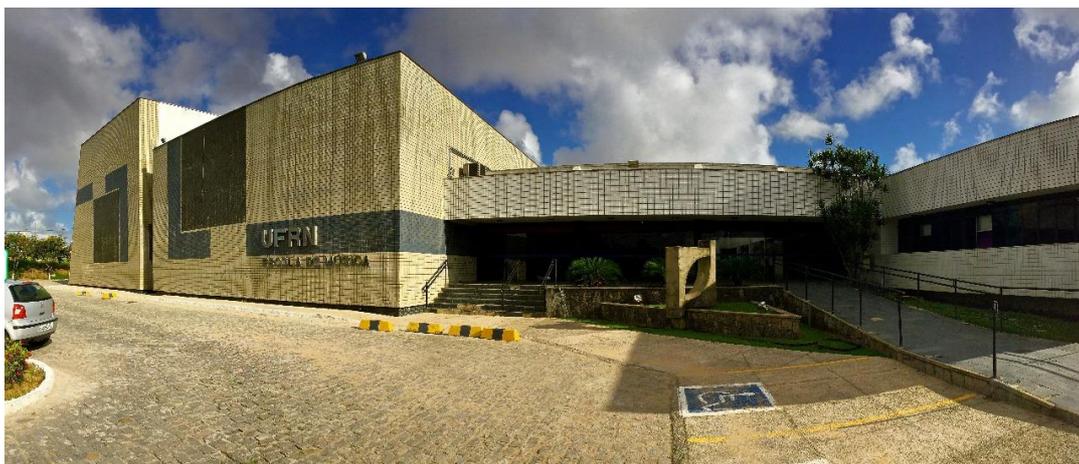


Figura 9: Fachada da Escola de Música. Foto: ASCOM-UFRN

A missão da Escola de Música da UFRN, como instituição pública, é educar, produzir e disseminar conhecimento e fazer música de forma a contribuir para o desenvolvimento humano, promover a justiça social, a democracia e a cidadania através da arte. A Escola de Música acolhe mais de vinte grupos musicais, bem como a Orquestra Sinfônica da UFRN, uma das poucas orquestras sinfônicas universitárias, que já se apresentou na Europa e que acolhe com frequência músicos estrangeiros vindos à UFRN para masterclasses ou para o desenvolvimento dos inúmeros projetos de pesquisa internacionais de que participam os pesquisadores da EMUFRN.

### **Instituto MetrÓpole Digital**



Figura 10: Fachada do Instituto MetrÓpole Digital. Foto: ASCOM-UFRN

O Instituto MetrÓpole Digital atua na formação de pessoal técnico, pessoal de ensino superior e na pós-graduação, com ações que integram a inclusão social e digital de jovens, desde o ensino básico até a pós-graduação. Além disso, o IMD

também realiza ações de pesquisa e inovação tecnológica e incentivo à cultura do empreendedorismo, que resultou na criação da Inova Metrópole, uma incubadora de empresas de base tecnológica na área de Tecnologia da Informação. O IMD visa promover a criação de um pólo tecnológico no Rio Grande do Norte, englobando iniciativas dos setores público, privado e acadêmico.

\*\*\*

Os professores lotados nessas unidades, a despeito das recentes dificuldades econômicas do país, têm conseguido financiar suas pesquisas pela participação em editais externos nacionais e internacionais, como o Newton Fund, com dois projetos em andamento; cinco projetos aprovados no primeiro edital do Instituto Serrapilheira, colocando a UFRN em terceiro lugar em número de projetos aprovados naquele instituto; projetos aprovados no Brafitec, no Brafagri e em outros acordos de cooperação bilateral da CAPES e os dois únicos projetos do Nordeste aprovados na última edição do Latin America Research Awards.

Também os alunos têm buscado todas as oportunidades de bolsas no exterior, através dos programas do Banco Santander, de ofertas pontuais de universidades estrangeiras ou governamentais, como o Emerging Leader in the Americas, do Canadá. Houve também um crescimento no interesse pelas bolsas do PDSE e, contrariamente ao que ocorria há cinco ou seis anos, estamos utilizando toda a quota de bolsas de todos os programas de pós-graduação.

Obviamente, o interesse crescente pela internacionalização não pode se sustentar com o cenário de crise econômica em que vivemos, que faz baixar consideravelmente a oferta de bolsas, não só pelas agências governamentais como também pelas agências estrangeiras de fomento à pesquisa e à mobilidade acadêmica. Isso exigirá da UFRN uma melhor qualificação da demanda e, obviamente, uma postura mais incisiva na busca de recursos externos.

Para isso, temos a nosso favor o interesse dos professores e alunos pela internacionalização e o fato de já termos alcançado um alto nível de institucionalização dos processos que legitimam a cooperação internacional, através de normas e procedimentos adotados e respeitados pelos diferentes setores da administração e do acompanhamento acadêmico.

Também temos a nosso favor um campus equipado com recursos técnicos e tecnológicos que nos coloca entre as universidades federais com melhor infraestrutura no país, incluindo laboratórios de ponta em domínios tão diversos como as neurociências, a química do petróleo, a física, a geofísica, as engenharias, a produção de medicamentos, a música e as línguas estrangeiras.

Nossas principais barreiras nesse processo vêm de fatores externos. Vemo-nos agora diante da impossibilidade orçamentária para a construção de uma infraestrutura de apoio à presença de alunos e pesquisadores estrangeiros em

Natal, como um hotel de trânsito ou alojamentos para estudantes. Também não dispomos de recursos significativos para a atribuição de bolsas a alunos estrangeiros. Essas fragilidades, entretanto, poderão ser amenizadas, senão resolvidas a contento, com o estabelecimento de parcerias, que exigirão esforço e criatividade da administração central, sobretudo.

Problema mais grave, porém, está na insegurança que vivemos no Brasil, em geral, e em Natal, em particular. Apesar de diversos destinos internacionais de estudantes terem um nível de segurança muitas vezes comparável ao que vivemos no Brasil, a divulgação dos constantes transtornos pelos quais temos passados, alguns deles realmente trágicos exigirá um alto poder de convencimento na promoção da UFRN como destino de estudantes internacionais. Para isso, precisaremos reforçar parcerias com os órgãos governamentais responsáveis pela segurança e preparar um plano de marketing suficientemente eficaz, mas que não busque mascarar nossa realidade atual.

Por mais que o momento pareça desfavorável à internacionalização, em vez de recuarmos em nossa expansão para o exterior, devemos, sim, impulsioná-la. O momento de crise é também um momento oportuno, se nos qualificamos bem para a disputa pelos poucos recursos disponíveis. Pode parecer supérflua a preocupação com a cooperação internacional num cenário de tantas urgências, incertezas e efeitos opressores no ensino e na pesquisa. Porém, a manutenção dos investimentos nesse setor é fundamental para que não precisemos recomeçar de um ponto muito incipiente quando houver uma reversão da situação atual. Além disso, a médio prazo, o investimento e os esforços empreendidos na internacionalização poderão resultar em novas fontes de recursos, que ajudarão na superação dos problemas atuais.

### 3. Pressupostos e Estratégias da Internacionalização

#### 3.1 Por que internacionalizar?

O panorama deste século traz, à menor análise, a evidência de grandes mudanças que trazem, conseqüentemente, a necessidade de novos posicionamentos. Os recursos tecnológicos postos ao alcance de grandes parcelas da população mundial a partir da segunda metade do século XX; os movimentos diversos em favor da comunicação rápida e eficiente; a facilidade de locomoção e de transposição de fronteiras de que se podem servir os cidadãos contemporâneos; os problemas que essa nova dinâmica nos apresenta a cada dia, como conflitos, armados ou não, em diversas regiões do planeta; calamidades, provocadas ou não pelas ações humanas nos diversos ecossistemas; deslocamento de populações inteiras em fuga às ameaças que pesam sobre seus territórios, tudo isso mostra que o diálogo é, mais que em qualquer outro momento da história, imperativo para as populações contemporâneas, pois dificilmente uma dessas questões afetará apenas um país ou apenas uma região do planeta. Diante disso, talvez a pergunta exata a se fazer a uma universidade do século XXI seja: por que não internacionalizar?

Atuando regionalmente, há sessenta anos, na oferta de educação de qualidade e tendo paulatinamente crescido, ao longo desses anos, na produção científica em áreas diversas, a UFRN está hoje em uma posição que lhe permite dialogar, como tem feito, com instituições de todo o país e do exterior. Os números que apresentamos nas metas de internacionalização deste plano atestam que a UFRN tem uma contribuição a dar a outras instituições e que pode, com o espírito empreendedor de seus professores e discentes, através de suas parcerias, contribuir também para o desenvolvimento e a excelência da ciência brasileira.

Não existe, em nossa visão de mundo e de internacionalização, outro caminho para o crescimento que não seja o da inclusão, do diálogo e da cooperação efetiva. Esse caminho, necessário para a solução e transposição das diversas questões complexas que têm ocupado a população brasileira neste século, nos planos social, político e econômico, é necessário também para o crescimento das próprias universidades. Queremos, pois, intensificar e ampliar nossas ações de internacionalização para melhor qualificar nossa comunidade acadêmica na busca de soluções sustentáveis para velhos problemas e na preparação dos jovens para o enfrentamento dos novos problemas que surgem com a dinâmica das mudanças do mundo.

#### 3.2 A internacionalização que queremos

Um processo de internacionalização não se faz às cegas e, muito menos, apontando em todas as direções. Os recursos necessários para uma efetiva cooperação internacional exigem um cuidado extremo na escolha de áreas a priorizar e, mais que isso, no estabelecimento de temas que possam abranger

áreas prioritárias, permitindo a preparação progressiva das demais áreas para que atinjam níveis desejáveis de competitividade e possam, paulatinamente, alcançar uma relativa independência em suas ações internacionais.

Em um artigo de 2013, Hans de Witt diferencia a atual prática da internacionalização, que ele destaca como um conceito recente, do que se fazia há 20 anos e que se caracterizava muito mais como uma “educação internacional. Daí, para ele, a importância de se repensar esse conceito:

If internationalization is still a relatively young concept, there is even a need for rethinking—based on a number of main factors. In the first place, the discourse of internationalization does not seem to always associate the reality, in which internationalization is still more a synonym of international education—i.e., a summing up of fragmented and rather unrelated terms—than a comprehensive process and concept.<sup>15</sup>

(Se internacionalização é ainda um conceito relativamente jovem, há, pois, uma necessidade de repensá-lo, baseado em um número de fatores preponderantes. Em primeiro lugar, o discurso de internacionalização nem sempre parece associado à realidade, na qual internacionalização é ainda vista mais como um sinônimo de educação internacional - isto é, a soma de termos fragmentados e sem relação - do que como um processo e um conceito abrangentes.)

A mesma preocupação já aparecia dez anos antes, em um artigo de Jane Knight que se propunha a atualizar o conceito de Internacionalização:

For over 20 years now, the definition of internationalization has been the subject of much discourse. Internationalization is not a new term. The term has been used for centuries in political science and governmental relations, but its popularity in the education sector has really only soared since the early 1980s. Prior to this time, international education was the favored term and still is in some countries. In the 1990s, the discussion on using the term international education centered on differentiating it from comparative education, global education, and multicultural education. Today, in the first decade of the 21st century, another set of related terms is emerging that includes transnational education, borderless education, and cross-border education.<sup>16</sup>

(Nos últimos vinte anos, a definição de internacionalização tem sido objeto de muita discussão. Internacionalização não é um termo novo. O termo tem sido usado por séculos em ciência política e nas relações governamentais, mas sua popularidade no setor educacional cresceu realmente no início dos anos 1980. Antes desse período, educação internacional era a expressão preferida e ainda é em alguns países. Nos anos 1990, a discussão sobre o uso do termo

---

<sup>15</sup> WITT, Hans de. Reconsidering the Concept of Internationalization. In: *International Higher Education*, n. 70, Winter, 2013, p. 7. Boston: The Boston College Center for International Higher Education. Quaterly publication.

<sup>16</sup> KNIGHT, Jane. Updating the Definition of Internationalization. In: *International Higher Education*, n. 33, Fall, 2003, p. 7. Boston: The Boston College Center for International Higher Education. Quaterly publication.

educação internacional centrou-se na sua diferenciação da educação comparativa, da educação global e da educação multicultural. Hoje, na primeira década do século XXI, um novo conjunto de termos relacionados está surgindo e inclui educação transnacional, educação sem fronteiras e educação transfronteiriça.)

Considerando o que dizem esse dois renomados especialistas em Educação Internacional, podemos estabelecer duas linhas de reflexão a respeito do que pretendemos quando falamos na internacionalização da UFRN. Primeiramente, não podemos pensar a internacionalização apenas como um conjunto de atividades, muitas vezes dissociadas entre si, tais como envio de alunos ao exterior, financiamento da participação de professores em eventos internacionais ou custeio da publicação de artigos em periódicos estrangeiros. Dissociadas de um projeto abrangente, essas atividades se qualificam muito mais como internacionalização de pessoas do que como internacionalização da instituição.

Outra reflexão importante vem dos conceitos apontados por Jane Knight: “educação transnacional”, “educação sem fronteiras” e “educação transfronteiriça”. Todos esses termos apontam para um apagamento ou uma transposição de fronteiras no plano educacional, mas sabemos que isso não se faz de forma dissociada do plano político. Por isso, para que uma instituição resolva se lançar numa internacionalização que considere esse caráter transnacional e seus efeitos, ela precisa se apoiar tanto em uma política interna quanto em uma política externa que favoreçam esse empreendimento.

Na realidade da UFRN, a política externa não representa grandes empecilhos, uma vez que o Brasil mantém relações diplomáticas com a absoluta maioria dos países e não costumamos ter problemas graves com a entrada de estudantes brasileiros nos países onde se situam nossas instituições parceiras. Há, evidentemente, os casos em que o princípio da reciprocidade, adotado pelo Brasil em suas relações exteriores, pode dificultar a entrada em alguns países, mas não há casos de restrição, por algum país, de forma unilateral, à entrada de brasileiros em seu território. Transpostas, pois, as dificuldades pessoais de proficiência linguística e compreensão de outras culturas, nossos alunos têm, em princípio, uma liberdade quase irrestrita para a mobilidade em diversos países.

No plano interno, entretanto, precisamos ainda aperfeiçoar nossas práticas. Um curso que está pronto para enviar professores a eventos no exterior, mas não está disposto a aceitar alunos estrangeiros ou a ministrar conteúdos em língua estrangeira está realmente apto à internacionalização? Precisamos estabelecer, para a UFRN e para cada um de seus cursos, na graduação e na pós-graduação, a medida desejável da presença estrangeira em nossos campi, seja através da abertura a alunos estrangeiros, através da contratação de professores estrangeiros ou através da realização de atividades acadêmicas em línguas estrangeiras.

Obviamente, a aceitação da presença estrangeira e o respeito a culturas diferentes da nossa não são atitudes que se resolvem apenas com documentos.

É preciso haver uma orientação nesse sentido, mas é preciso também que a internacionalização seja sempre refletida e seus efeitos analisados para que se evidenciem seus benefícios para a comunidade acadêmica. A rigor, essas atitudes se estabelecem mais solidamente na medida em que a exposição ao que é diferente se intensifica, motivo pelo qual a própria intensificação da internacionalização já é, em si mesma, um grande benefício.

### 3.3 Os temas prioritários para a internacionalização da UFRN

Ao se tratar de um plano de internacionalização, é fundamental estabelecer quais serão os atores desse plano ou quais são os elementos que permitirão à instituição alcançar seu objetivo e suas metas da forma mais sólida e eficaz e, conseqüentemente, no prazo mais curto.

A essa consideração, junta-se a evidência de que nenhuma instituição, sobretudo instituições onde vige a pluralidade, como as universidades, consegue dar o mesmo destaque a todas as áreas em que atua. Esse destaque vem paulatinamente, numa construção que reúne esforços administrativos, sim, mas não só. Há também a história dos professores e dos grupos de pesquisa, seus sucessos, pessoais ou coletivos, que se vão somando aos esforços da instituição e colaborando para sua visibilidade como um todo. Por isso, algumas áreas, seja pela natureza de seus objetos de estudo, seja pela inserção de seus pesquisadores em projetos de grande amplitude, têm permitido à UFRN manter-se em evidência no cenário nacional e, sobretudo, têm proporcionado também uma crescente visibilidade internacional.

Priorizar essas áreas é estrategicamente importante para dar ao Plano de Internacionalização uma base sólida, mas é mister reuni-las em temas agregadores, de forma a tornar possível, por um lado, o tratamento de problemas por visadas distintas e, por outro, uma mutualização entre áreas mais desenvolvidas no seio da instituição com outras ainda em desenvolvimento. Por esse motivo, a partir das estratégias definidas no Plano de Desenvolvimento Institucional, detalhadas e fortalecidas nos Planos de Gestão subsequentes, contando com a participação dos Programas de Pós-graduação de conceito mais elevado e considerando as áreas em que a UFRN já conta com muitos avanços no cenário mundial e que detêm uma produção acadêmico-científica significativa, estabelecemos aqui os temas prioritários para este Plano de Internacionalização. Cada um desses temas se insere nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU, com os quais se compromete a atual gestão da UFRN, a ponto mesmo de destacá-los nas metas e ações de toda a universidade, para além das que se determinam neste Plano. Ao apresentar, abaixo, os temas prioritários para a internacionalização da UFRN e seus desdobramentos nas atividades de nossos Programas de Pós-graduação e de nossos grupos de pesquisa, procuramos, pois, associá-los aos ODS.

## Saúde pública e bem-estar



- Atenção, Promoção e Reabilitação em Saúde
- Doenças Negligenciadas e Degenerativas
- Evolução, Cognição e Comportamento
- Saúde Pública

## Dinâmicas Humanas em Cenários de Diversidades



- Linguagens, Cultura, Sociedade e Política
- Educação, Inclusão e Desenvolvimento Humano e Social

## Ciências e tecnologias inovação



- Biotecnologia
- Sistemas complexos
- Ciência e Tecnologia Aeroespacial
- Tecnologias da Informação e Comunicação
- Nanotecnologia

## Meio ambiente e conservação



- Biodiversidade
- Desenvolvimento sustentável

## Energia



- Petróleo
- Biocombustíveis
- Energias renováveis e redes elétricas inteligentes

Evidentemente, as áreas definidas não são estanques, e os movimentos de inter ou transdisciplinaridade são esperados e incentivados, como forma de franquearmos as fronteiras existentes para a expansão do conhecimento e promover o diálogo produtivo entre os pesquisadores. Além disso, duas considerações importantes precisam ser feitas após o estabelecimento dessas áreas. A primeira é que, no interior mesmo de algumas delas, há grupos de pesquisadores com maior produção em algumas linhas de pesquisa e outros que ainda estão em processo de fortalecimento. E a outra consideração é que definir áreas estratégicas não significa poupar esforços para a promoção do crescimento de áreas que se encontram em estágios menos avançados de produção científica e de internacionalização.

Acreditamos na tendência ao desenvolvimento de todas as áreas, mas priorizamos aqui, através da alocação de recursos sobretudo externos, oriundos da participação da UFRN em programas e projetos nacionais ou estrangeiros, àquelas áreas estabelecidas e aos programas de pós-graduação que nelas se inserem. Recursos externos não ficam, entretanto, vedados àqueles programas que não se inserem em áreas estratégicas e eles poderão contar, ainda, com o investimento interno, na medida da existência de recursos para tal.

A associação imediata das áreas prioritárias com a pós-graduação, como é de se esperar quando se pensa em cooperação científica, não exclui a preocupação com a internacionalização da graduação. Porém, também nesse nível de ensino, por se tratar aqui de um Plano Estratégico, é preciso direcionar esforços para o crescimento das áreas que poderão nos levar mais consequentemente à excelência. Os investimentos na pós-graduação precisam se refletir na qualidade do ensino na graduação que, por sua vez, deverá preparar os futuros pesquisadores para as áreas prioritárias.

### 3.4 Estratégias administrativas para a internacionalização

Conforme foi dito acima, a UFRN já se encontra em um estágio avançado de internacionalização e conta com uma infraestrutura já bem desenvolvida em vários aspectos para o suporte à cooperação estrangeira. Isso se verifica na existência de:

- Oferta de cursos de línguas estrangeiras aos docentes e técnicos administrativos;
- Oferta de cursos de línguas estrangeiras ao corpo discente;
- Apoio financeiro aos alunos em vulnerabilidade sócio-econômica para obtenção de passaporte e vistos e para a realização de exames de proficiência;
- Realização dos principais exames de proficiência no próprio campus: TOEFL, IELTS, onDaf, DELE;
- Regulamentação interna da modibilidade discente;

- Programa de acolhimento de alunos estrangeiros por alunos veteranos da UFRN;
- Políticas estabelecidas para a Internacionalização, para o Ensino de Línguas;
- Apoio financeiro a atividades docentes no exterior;
- Tradução gratuita dos documentos necessários para a mobilidade de alunos e professores;
- Tradução para o inglês, o francês e o espanhol das ementas de todos os cursos de graduação e de pós-graduação;
- Site multilíngue com as informações necessárias para o estabelecimento de cooperação com a UFRN e para a realização de mobilidade acadêmica;
- Estabelecimento de acordos de cooperação com instituições parceiras.

Para ampliar e fortalecer o processo de internacionalização, entretanto, precisaremos ampliar, fortalecer e diversificar também as estratégias administrativas que lhe dão suporte, implantando, além do que já existe,

- Cursos de línguas estrangeiras específicos para o grupo de servidores que têm interação direta com alunos e professores estrangeiros, sobretudo na pós-graduação;
- Cursos de *English as a Medium of Instruction* ou o equivalente em outras línguas para os professores que quiserem ministrar componentes acadêmicos em línguas estrangeiras;
- Sinalização dos campi em línguas estrangeiras;
- Estabelecimento de parcerias para hospedagem de alunos e professores estrangeiros;
- Estabelecimento de um setor de marketing internacional, para veiculação mais dinâmica no exterior de informações sobre a UFRN e para unificação da imagem institucional no plano internacional em todos os canais da mídia virtual.

Essas estratégias administrativas, associadas às estratégias acadêmicas descritas a seguir, trarão segurança à ampliação que se deseja do processo de internacionalização.

### 3.5 Estratégias acadêmicas para a internacionalização

Também no plano das estratégias acadêmicas, é necessário considerar, aquilo de que já dispomos, para, em seguida, determinar novas estratégias para a ampliação da internacionalização. Nesse sentido, destacamos como estratégias já instituídas:

- Processo acadêmico de mobilidade discente, baseada na escolha de instituições e componentes curriculares pelos próprios alunos, mas com a aprovação dos Coordenadores de Curso;

- Possibilidade de reconhecimento de componentes e atividades executados em universidades parceiras de forma flexível, sem exigência de correspondência integral de carga horária ou de conteúdo;
- Possibilidade de afastamento dos alunos para mobilidade não apenas em atividades de ensino mas também em atividades de pesquisa e extensão, bem como para realização de estágios em instituições de ensino superior ou em empresas;
- Programas que possibilitam e fomentam a presença de professores estrangeiros visitantes nos programas de pós-graduação;
- Participação em programas e em redes de universidades que oferecem oportunidades de mobilidade acadêmica e de cooperação científica.

Embora a estruturação administrativa existente já tenha sido pensada tanto no sentido de promover a internacionalização passiva, com o envio de servidores e discentes ao exterior, quanto a internacionalização ativa, representada pela procura da UFRN por alunos estrangeiros e pela presença de professores e pesquisadores convidados, até o presente verificamos uma tendência maior à internacionalização passiva e nossa prática. Não deixa de ser importante a promoção da ida de alunos e servidores ao exterior, uma vez que seu retorno sempre representa a possibilidade de reflexões e até mesmo de mudança no entorno de seus cursos ou locais de trabalho. Entretanto, para intensificar o processo de internacionalização, tendo em conta a perspectiva econômica desfavorável que se afirma no país, o mais sensato é promover a internacionalização ativa, por dois motivos: primeiramente, poderá haver, dependendo do que se propõe como atividade acadêmica ofertada a um público estrangeiro, cobrança de taxas, o que permitirá, ainda que minimamente, o custeio de alguma atividade; em segundo lugar, a presença de alunos e professores estrangeiros visitantes na UFRN alimentará a *internationalization at home*, intensificando a prática de línguas estrangeiras e o contato com culturas e metodologias diversas de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, definimos como estatégias acadêmicas a serem intensificadas ou inauguradas em nossa prática de internacionalização:

- Recrutamento de estudantes estrangeiros

Recebemos hoje um número muito pequeno de alunos estrangeiros, sobretudo nos cursos de graduação, seja para períodos de mobilidade, seja como alunos regulares. Muitas instituições estrangeiras têm o recrutamento como uma atividade fundamental para seus processos de internacionalização, o que vemos nessa pequena observação de Linda Heaney:

While tuition revenue is important to universities, the true competition is for talent. Universities seek the best students regardless of whether they are from Kentucky, Kazakhstan, or Korea.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> HEANEY, Linda. Marketing U.S. Higher Education in the Global Landscape. In: HEANEY, L. (Ed.). *NAFSA's Guide to International Student Recruitment*. 2. ed. Washington: NAFSA, 2009. p. viii.

(Enquanto o pagamento de taxas é importante para as universidades, a real competição se baseia no talento. Universidades buscam os melhores estudantes, sem se importar se eles vêm do Kentucky, do Casaquistão ou da Coreia.)

Como universidade pública e gratuita, a UFRN não tem, em princípio, a preocupação com a cobrança de taxas para a manutenção de seus serviços. Esse fato poderia situar as universidades públicas brasileiras em uma posição bastante favorável nos acordos de reciprocidade, no entanto, muitas vezes o que poderia ser uma vantagem transforma-se em problema. Isso porque algumas universidades que cobram taxas mensais ou semestrais de seus alunos não podem deixar de cobrar dos nossos alunos, estabelecendo um desequilíbrio na reciprocidade. O estabelecimento da cobrança apenas pela universidade de origem resolve a questão, mas há aquelas que não podem receber as taxas de um aluno que está ausente. Agrava a questão um problema surgido com o Programa Ciência sem Fronteiras: algumas universidades, mesmo parceiras de longa data, observando a prática brasileira de custear todas as despesas da mobilidade para os alunos contemplados, passaram a cobrar taxas de todo e qualquer aluno brasileiro em mobilidade.

Por esse motivo, precisamos rever muitos dos nossos acordos e, ao recrutar alunos estrangeiros, ter em mente que nos é vedado cobrar taxas, mas apenas nos cursos regulares com emissão de diplomas, na graduação e na pós-graduação. Podemos, pois, centrar esforços no recrutamento de alunos para cursos de especialização ou para cursos de curta duração.

A outra vantagem do recrutamento, indicada na citação de Heaney, é a possibilidade de atrairmos talentos. Os alunos de grande destaque terão, com forte probabilidade, uma posição de destaque no futuro. O fato de associar o nome da UFRN a sua formação é um dos maiores benefícios com que poderemos contar, pois será uma publicidade permanente.

Essas são razões para que participemos do atendimento a uma demanda internacional por formação no exterior, conforme descreve Heaney:

What one sees early in the twenty-first century is a flirtatious dance by young people seeking adventure and the best preparation for their future, universities seeking good students and revenue, and regions and nations supporting their institutions so they have sustainable growth, investment opportunities, and jobs for their citizens.<sup>18</sup>

(O que alguns veem logo no início do século XXI é uma dança sedutora da população jovem em busca de aventura e de melhor preparação para seu futuro, universidades buscando bons estudantes e recursos, e regiões e nações apoiando suas instituições para que tenham um crescimento sustentável, oportunidades de investimento e empregos para seus cidadãos.)

---

<sup>18</sup> Idem, p. ix.

Mesmo que tenha sido escrito há quase dez anos e, nesse ínterim, tenhamos entrado numa crise econômica de proporções mundiais, a busca dos jovens por aventura e formação continua, ainda que atenuada pelas circunstâncias. Precisamos adequar nossa oferta de formação a essa demanda, visando sobretudo o ingresso de um corpo discente qualificado que, a rigor, poderá contribuir ainda para o preenchimento de vagas ociosas nos cursos que apresentam alguma evasão.

- Envolvimento dos egressos no processo de marketing e recrutamento

Como dissemos anteriormente, a formação superior liga definitivamente o aluno à universidade que ele escolheu e que o acolheu. Nesse sentido, o contato permanente com alunos egressos é importante para que ambos, aluno e instituição, continuem escrevendo juntos sua história. A instituição tem interesse nisso porque o aluno funcionará, para ela, como uma carta de apresentação. Quanto maior seu destaque profissional, maior a visibilidade que ele poderá proporcionar à instituição que o formou. Por outro lado, também interessa ao aluno egresso o sucesso da sua *alma mater*, pois quanto maior é a importância da instituição, maior valor agregado o aluno terá ao diploma adquirido.

No caso específico do aluno egresso estrangeiro, Chris Foley<sup>19</sup> aponta algumas vantagens para sua inserção no processo de marketing e recrutamento das universidades: ele fala de sua instituição de formação com *entusiasmo*; tem a *experiência* necessária para conectar os benefícios de sua formação à sua prática profissional; tem, em geral, uma *rede de relações* ampla, da qual a universidade acaba se beneficiando; sua opinião sobre a universidade expressa *credibilidade* e pode ajudar a destacá-la no processo de escolha de outros alunos; tem o *conhecimento* de ambas as realidades, a da universidade e a de seu país de origem e, com isso, pode auxiliar melhor no processo de escolha de novos alunos; terá o *valor agregado* do sucesso da universidade ao seu diploma; ele poderá auxiliar a instituição no local onde mora, nos casos em que ela não poderá, por falta de orçamento, enviar para lá seu staff; e, finalmente, ele poderá auxiliar no processo de captação de recursos de doações ou de investimentos de empresas de seu país.

- Cursos de curta duração

O investimento em cursos de curta duração, que podem ser organizados em diferentes áreas pelos próprios departamentos acadêmicos, pode assegurar um fluxo contínuo de estudantes estrangeiros à UFRN, uma vez que dispomos de um clima sem grandes variações, favorável à oferta de cursos em qualquer

---

<sup>19</sup> FOLEY, Chris J. Making the Most of Alumni Contacts. In: HEANEY, L. (Ed.). *NAFSA's Guide to International Student Recruitment*. 2. ed. Washington: NAFSA, 2009. p. 119-121.

período do ano. A natureza desses cursos permitirá alavancar internacionalmente a Extensão universitária da UFRN, fortalecendo, no plano internacional, essa importante via de diálogo com a sociedade, própria do Ensino Superior brasileiro.

Esses cursos tanto podem oferecer uma formação pontual e preparada sob medida, como podem diversificar-se, incluindo, além dos conteúdos científicos, a descoberta da cultura brasileira, a prática de esportes ou a exploração do sistema ecológico da região, através de atividades guiadas por profissionais das diferentes áreas, pois, como diz S. E. Spencer, “short-term programs typically consist of only one course, they offer an intensive academic experience and, if properly designed, an intensive intercultural experience as well”<sup>20</sup>.

Chamados de *summer school* em muitas universidades, sobretudo nos países em que o verão é mais propício para sua realização, esses cursos, segundo Torenbeek e Meurs,

may consist of one or more programmes targeting students who already attend the host university, international students, or both. It may include programmes for non-students: secondary school pupils, certain professional groups or members of the general public with an interest in the subject matter.<sup>21</sup>

(pode consistir em um ou mais programas para estudantes que já estejam matriculados na universidade que os acolhe, para estudantes internacionais ou para ambos. Podem-se incluir programas para não-estudantes: alunos de escolas secundárias, alguns grupos profissionais ou membros do público em geral com interesse no assunto proposto.)

O atendimento a não-universitários é importante, pois é preciso lembrar que um aluno não-universitário que tenha passado por uma boa experiência em um curso de curta duração poderá retornar como aluno dos cursos regulares que oferecemos. Além disso, esse atendimento amplo dá a esses cursos estratégicos para a internacionalização o caráter extensionista, num movimento de duplo favorecimento: eles contribuem para o fortalecimento da Extensão e se beneficiam do conhecimento e das práticas que a Extensão já detém.

- Incentivo à cooperação bilateral entre cursos

A estratégia, nesse caso, consiste em despertar o interesse dos diferentes cursos, na graduação e na pós-graduação pelos acordos de dupla-titulação, como forma de estabelecer um fluxo permanente de alunos nos dois sentidos e, assim, permitir a internacionalização de currículos e práticas pedagógicas, em consonância com a Política de Melhoria do Ensino da UFRN.

---

<sup>20</sup> SPENCER, S. E. et al. Short-Term Programs Abroad. In: BROCKINGTON J. L. et al. (Ed.). *NAFSA's Guide to Education Abroad for advisers and administrators*. 3.ed. Washington: NAFSA, 2005. p. 374.

<sup>21</sup> TORENBECK, Jeroen; MEURS, Inez (Eds.). *International Summer Schools*. Amsterdam: European Association for International Education, 2012. p. 7.

Esse formato de cooperação, além das vantagens que traz à dinâmica dos cursos, tanto na graduação como na pós-graduação, aproxima professores e pesquisadores nas duas instituições e contribui para a sedimentação de grupos, que passam a cooperar de forma mais intensa. Ademais, para os alunos de ambas as instituições, há o ganho adicional de receberem dois diplomas, um deles internacional, eximindo-os da busca, muitas vezes cansativa, pelo reconhecimento de um diploma estrangeiro para atuação no Brasil ou de um diploma brasileiro para atuação em outro país.

#### **4. Objetivo**

Consolidar e ampliar a internacionalização da UFRN com vistas a promover a excelência acadêmica em atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação em todos os níveis de ensino, com ênfase na pós-graduação, de forma a colocar a UFRN, nos próximos anos, entre as dez melhores universidades do Brasil.

#### **5. Metas**

Apresentamos, a seguir, as metas a serem alcançadas no período de quatro anos determinado para esse plano, demonstrando, nos casos em que já temos uma atividade significativa, os números dos quais partimos e explicitando as ações que empreenderemos para o êxito de cada meta.

5.1 *Aumento do número de publicações em colaboração com parceiros estrangeiros em pelo menos 100%, em quatro anos, passando dos atuais 1252 para 2.504 em 2022.*

## Artigos publicados pela UFRN com Coautoria Estrangeira

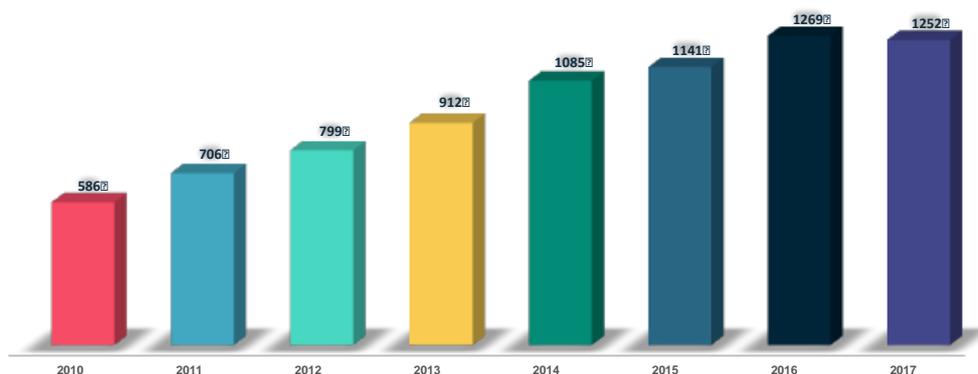


Gráfico 8 – Quantitativo dos artigos publicados por professores da UFRN em parceria com pesquisadores estrangeiros por ano. Fonte: PROPESQ-UFRN, 2018.

## Artigos Publicados com Coautoria Estrangeira por País

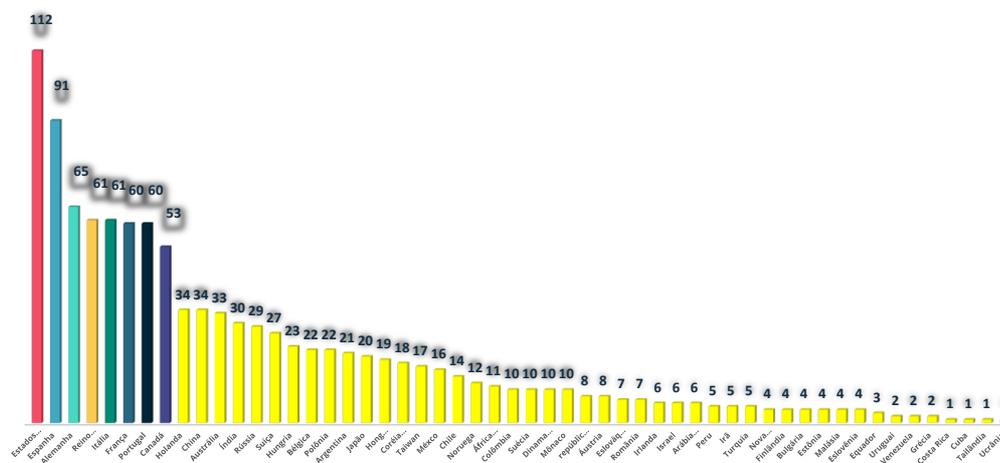


Gráfico 9 – Quantitativo dos artigos publicados por professores da UFRN em parceria com pesquisadores estrangeiros por país de origem do pesquisador parceiro. Fonte: PROPESQ-UFRN, 2018.

### Ações:

- Promoção de cursos de produção escrita em línguas estrangeiras para os professores que sintam necessidade de aperfeiçoamento linguístico para tal, com vistas a publicação em periódicos estrangeiros;
- Divulgação mais efetiva das chamadas para publicação de periódicos estrangeiros conceituados, sobretudo nas áreas prioritárias;

- Incentivo aos projetos que incluam propostas de publicação com parceiros de instituições de países incluídos na lista prioritária do Programa de Internacionalização da CAPES;
- Apoio financeiro prioritário, na medida da existência de orçamento para tal, às missões no exterior que possam resultar de artigos em colaboração com pesquisadores estrangeiros.

5.2 *Qualificação e ampliação da Cooperação Internacional* através da revisão dos acordos ativos e de seus resultados, buscando estabelecer novas parcerias estratégicas para os projetos de excelência da UFRN, nos próximos quatro anos, priorizando os países indicados pelo Programa de Internacionalização da CAPES. Nesse contexto, deverão ser estabelecidos: pelo menos um novo acordo com instituições da Coreia do Sul, da Noruega, da Nova Zelândia, dos Países Baixos, da Rússia e da Suécia, com os quais não temos ainda cooperação; e novas parcerias com países com os quais já temos acordos como a Austrália, a Áustria, o Canadá, a China, a Dinamarca, os Estados Unidos, a Finlândia, a Holanda, a Índia, a Irlanda, o Japão e a Suíça. Deveremos chegar ao número de 300 acordos de cooperação, devidamente qualificados com ações efetivas, incluindo a cooperação com os países de Língua Portuguesa, com a África e com a América Latina, tendo em consideração as áreas prioritárias definidas neste Plano.

### Acordos de Cooperação Internacional



Gráfico 10 – Quantitativo de acordos de Cooperação Internacional ativos da UFRN por ano. Fonte: SRI-UFRN, 2018.

## Acordos de Cooperação Internacional por País

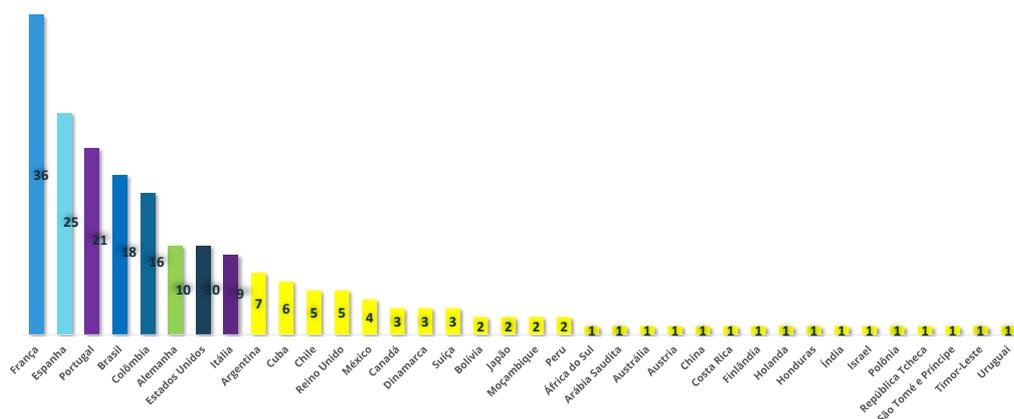


Gráfico 11 – Quantitativo de acordos de Cooperação Internacional ativos da UFRN por país. Fonte: SRI-UFRN, 2018.

### Ações:

- Verificação das atividades realizadas no âmbito de cada acordo, efetuando o devido registro dos resultados da cooperação estabelecida;
- Definição de um pesquisador responsável por cada acordo ativo, que deverá centralizar o registro das atividades realizadas no âmbito do acordo que lhe couber acompanhar;
- Promoção, por meio de missões financiadas pelo Edital de Apoio a Atividades Docentes no Exterior, do estabelecimento de cooperação efetiva em áreas estratégicas com instituições dos países de maior interesse para os projetos vigentes e que ainda não tenham cooperação efetiva com a UFRN;
- Incentivo à cooperação, através do fomento a atividades conjuntas em áreas estratégicas, com os países com os quais a UFRN mantém o maior número de acordos, como França, Espanha, Alemanha e Itália;
- Incentivo à cooperação com países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, estendendo a cooperação já existente com instituições de Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste também para outras instituições de língua portuguesa, sobretudo na África;
- Incentivo à cooperação com países da América Latina, sobretudo com Argentina, Chile, Cuba, Colômbia e México.

5.3 Incremento do apoio à mobilidade internacional de docentes e qualificação das atividades contempladas de acordo com as metas de internacionalização da UFRN, passando de 50 apoios concedidos em 2017, para 80 em quatro anos.

# MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE DOCENTES

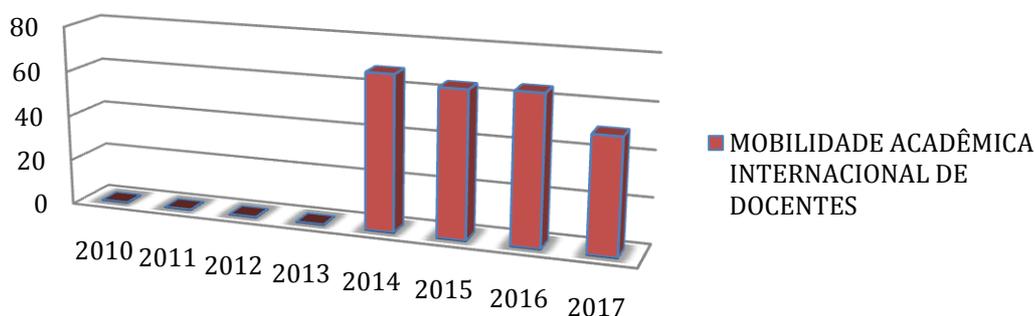


Gráfico 12 – Quantitativo dos professores da UFRN contemplados com apoio financeiro para atividades docentes no exterior, por ano. Fonte: SRI-UFRN.

UFRN Internacional

## Mobilidade Acadêmica Internacional Docentes UFRN por País

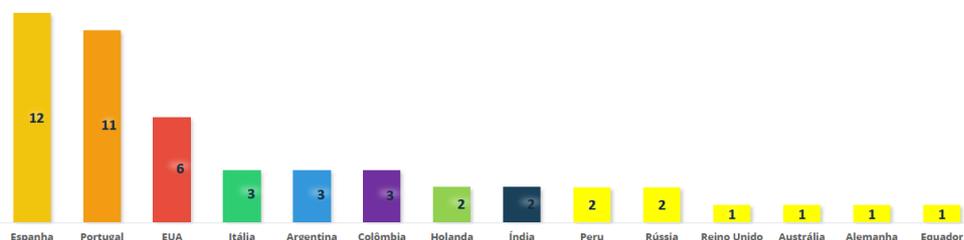


Gráfico 13 – Quantitativo dos professores da UFRN contemplados com apoio financeiro para atividades docentes no exterior, por país. Fonte: SRI-UFRN.

### Ações:

- Ampliação do Edital de Apoio a atividades docentes no exterior, com participação da Pró-reitoria de Pós-graduação e da Pró-reitoria de Pesquisa;
- Definição de áreas prioritárias para as propostas apresentadas no âmbito do Edital de Apoio;
- Definição de países e instituições prioritárias para os projetos a serem apoiados;
- Incentivo a projetos que apresentem propostas de publicação conjunta com parceiros estrangeiros;

- Incentivo à captação de recursos para mobilidade docente através da participação em projetos e programas externos;
- Criação de resoluções específicas para a mobilidade docente da EBTT;
- Associação das iniciativas de internacionalização das unidades que atuam na EBTT na UFRN aos projetos em andamento, com enfoque nas áreas prioritárias deste Plano;
- Apoio à participação das unidades de EBTT nas iniciativas de internacionalização da RFEPCT – Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, promovidas pela SETEC-MEC.

5.4 *Qualificação e ampliação da mobilidade discente nos cursos EBTT e, sobretudo, na graduação, por meio da definição das instituições de destino dos alunos de graduação em mobilidade no exterior, de forma a fortalecer as cooperações existentes e os projetos de pesquisa em andamento; e do incentivo à participação dos estudantes em programas de mobilidade, passando dos 39, em 2017, para 120, nos próximos quatro anos o número de alunos que passam pelo menos um período letivo em instituições estrangeiras.*

## Mobilidade Acadêmica Internacional Estudantes UFRN

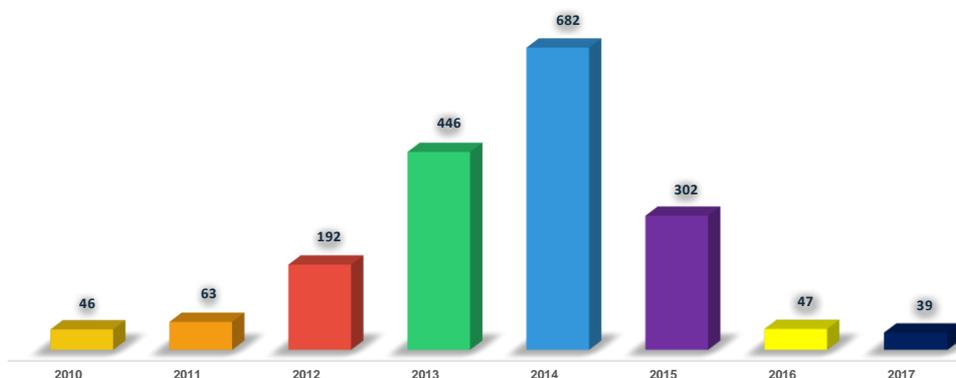


Gráfico 14 – Quantitativo da mobilidade out dos alunos de graduação da UFRN por ano.  
Fonte: SRI-UFRN, 2018.

## Mobilidade Acadêmica Internacional Estudantes UFRN 2010-2017

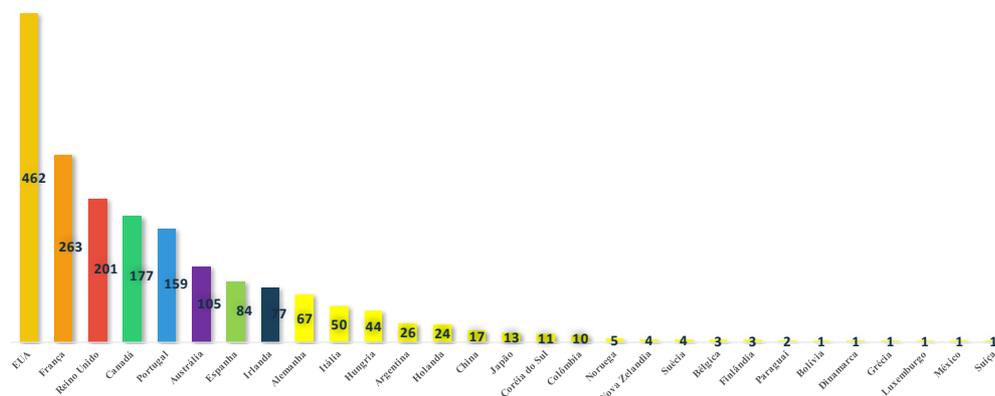


Gráfico 15 – Quantitativo da mobilidade out dos alunos de graduação da UFRN por país.  
Fonte: SRI-UFRN, 2018.

### Ações:

- Criação de um programa próprio da UFRN para mobilidade discente de alunos de graduação, selecionados com base em seu desempenho acadêmico, com recursos internos ou externos, sendo obrigatória a associação dos planos de estudo no exterior aos projetos de pesquisa vigentes em áreas estratégicas;
- Definição dos países de destino nos editais internos para seleção de alunos candidatos a bolsas de fomento externo à UFRN, estabelecendo a associação obrigatória aos projetos de pesquisa vigentes;
- Incentivo ao estabelecimento de acordos de dupla titulação com cursos de graduação similares em instituições estrangeiras com as quais a UFRN mantém cooperação;
- Incentivo à participação dos discentes também em projetos de mobilidade motivados pela pesquisa, pela extensão ou pela realização de estágios e não apenas pelos projetos de ensino;
- Definição de normas para a participação de alunos da EBTT em projetos de mobilidade discente;
- Criação de disciplinas de línguas estrangeiras com fins universitários, trabalhando questões, na língua de interesse, sobre o funcionamento do sistema universitário e as características da cultura dos países de destino.

5.5 *Qualificação da mobilidade discente out na pós-graduação*: direcionar recursos internos e externos para cuja gestão pesem as decisões da UFRN aos projetos em andamento, como forma de promover programas e pesquisas em ascensão, sobretudo nas áreas prioritárias definidas neste Plano, aumentando em 20% o número de bolsas PDSE nos próximos quatro anos, e promovendo o aumento do número de acordos de co-tutela de tese para os doutorandos da UFRN.

## Estudantes de Doutorado x BOLSAS PDSE 2010-2017

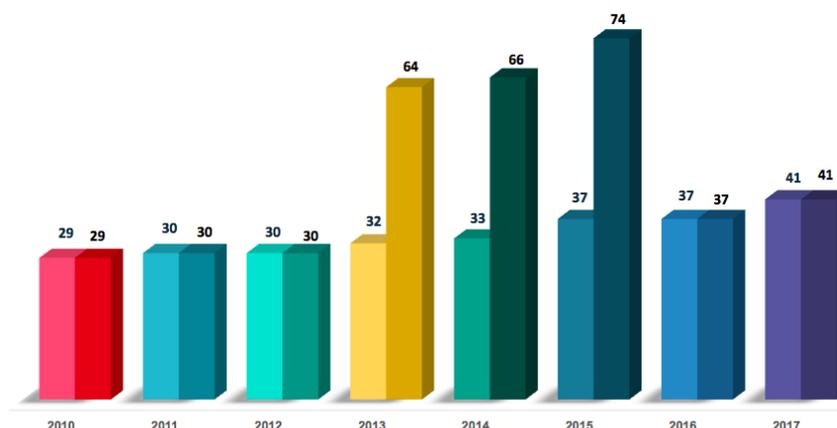


Gráfico 16 – A quota de bolsas PDSE é estabelecida na razão de uma bolsa por curso de Doutorado da Instituição, com exceção dos anos de 2013 a 2015, quando o Programa Ciência sem Fronteiras atribuiu duas bolsas a cada Doutorado existente. Fonte: PPG-UFRN, 2018.

### Ações:

- Destinar recursos internos prioritariamente aos programas que não participam de ações de fomento externas;
- Efetuar a seleção de candidatos a fomentos de origem externa de forma a privilegiar os projetos de pesquisa de interesse para a instituição e não apenas para a pesquisa dos mestrandos ou doutorandos, visando sobretudo as áreas prioritárias;
- Qualificar a demanda por bolsas PDSE, promovendo a proficiência em línguas estrangeiras nos programas de pós-graduação;
- Reformular a concepção e a oferta de exames de proficiência em línguas estrangeiras, incentivando a realização de provas de línguas em caráter, pelo menos, classificatório nas seleções dos programas de pós-graduação.

5.6 Incentivo à entrada de alunos estrangeiros na UFRN, nos cursos da EBTT, na graduação e na pós-graduação, como alunos regulares ou em programas de mobilidade, passando dos 30 alunos de mobilidade em 2017 para pelo menos 100 alunos; dos 110 alunos estrangeiros regulares na graduação para 200 alunos; e dos 76 alunos regulares na pós-graduação para 250 em quatro anos,

promovendo também os processos de co-tutela de tese de alunos estrangeiros e outras atividades de mobilidade na pós-graduação.

## Mobilidade *in* - Graduação

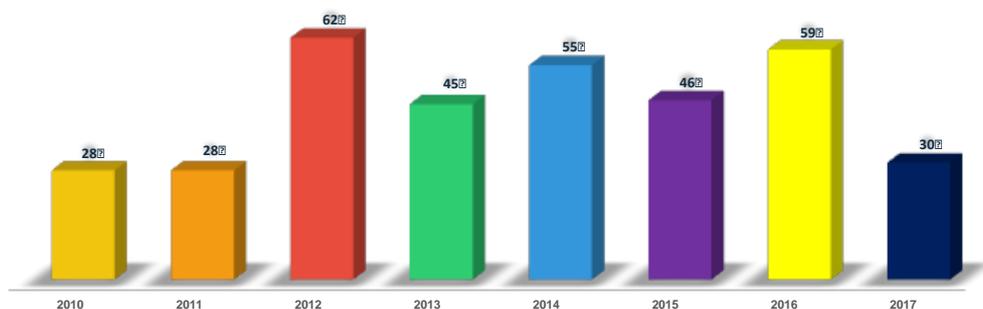


Gráfico 17 – Quantitativo da mobilidade *in* dos alunos de graduação da UFRN por ano. Fonte: SRI-UFRN, 2018.

## Estudantes Estrangeiros Regulares - Graduação

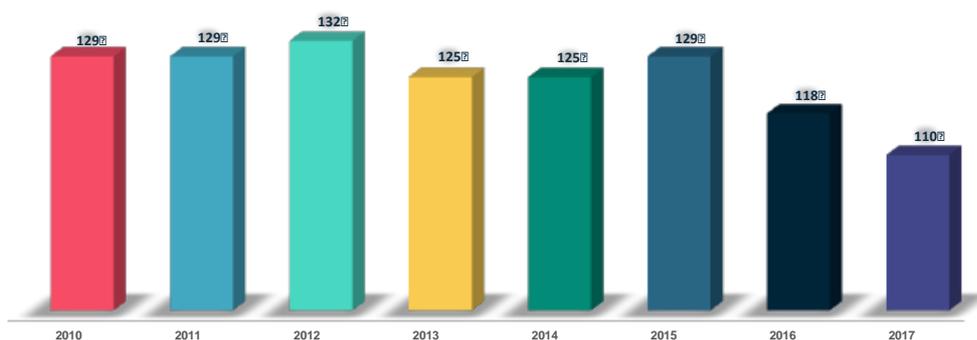


Gráfico 18 – Quantitativo dos alunos de graduação estrangeiros da UFRN por ano. Fonte: SIGAA-UFRN, 2018.

## Estudantes da Pós-Graduação Estrangeiros



Gráfico 19 – Quantitativo dos alunos de pós-graduação estrangeiros da UFRN por ano.  
Fonte: PPG-UFRN, 2018.

### Ações:

- Criação de uma estratégia de marketing dos programas que atuam nas áreas prioritárias para a UFRN, de forma a atrair novos alunos estrangeiros, regulares ou em mobilidade;
- Estabelecimento de acordos de reciprocidade para o envio de alunos da UFRN a instituições parceiras, mesmo com bolsas PDSE, exigindo como contrapartida o envio de alunos dessas instituições para períodos de mobilidade na UFRN;
- Realização de cursos de curta duração, com caráter extensionista ou inseridos nos programas de pós-graduação, sobretudo nas áreas prioritárias, como forma de promoção da estrutura e da produção acadêmico-científica da UFRN e consequente captação de alunos estrangeiros;
- Incentivo à flexibilização das normas dos programas de pós-graduação para o ingresso de alunos estrangeiros, incluindo a possibilidade de realização de provas em línguas estrangeiras;
- Divulgação, no exterior, dos processos de seleção dos programas de pós-graduação;
- Aperfeiçoamento das normas da graduação para o tratamento de alunos em mobilidade acadêmica;
- Definição, com os coordenadores de cursos de graduação e de pós-graduação, do número de vagas disponíveis para alunos estrangeiros na seleção e nas diversas disciplinas a cada semestre e divulgação dessa oferta aos parceiros estrangeiros;
- Divulgação da UFRN nas embaixadas brasileiras que participam da seleção do PEC-G e do PEC-PG;
- Participação em programas de mobilidade de graduação promovidos por organismos externos ou redes de universidades;

- Aumento da oferta de Língua Portuguesa para Estrangeiros, preferencialmente com a contratação de outro professor, através de cursos extensivos e de cursos de férias;
- Oferta de cursos de *English as Medium of Instruction*, ou similares em outras línguas, aos professores que quiserem ministrar componentes curriculares em línguas estrangeiras;
- Aumento da oferta de componentes curriculares em línguas estrangeiras nos cursos de EBTT, de graduação e pós-graduação;
- Oferta de cursos de especialização em línguas estrangeiras.

5.7 Incentivo à presença de professores e pesquisadores estrangeiros na UFRN, por meio do aumento, na medida da possibilidade de realização de concursos, em pelo menos 30%, nos próximos quatro anos o número de docentes estrangeiros contratados na UFRN, passando dos atuais 98 docentes para 147 em 2022; e do aumento de professores visitantes sobretudo nas áreas prioritárias, passado dos 119 em 2017 para pelo menos 300 em quatro anos.

## Docentes Estrangeiros contratados UFRN

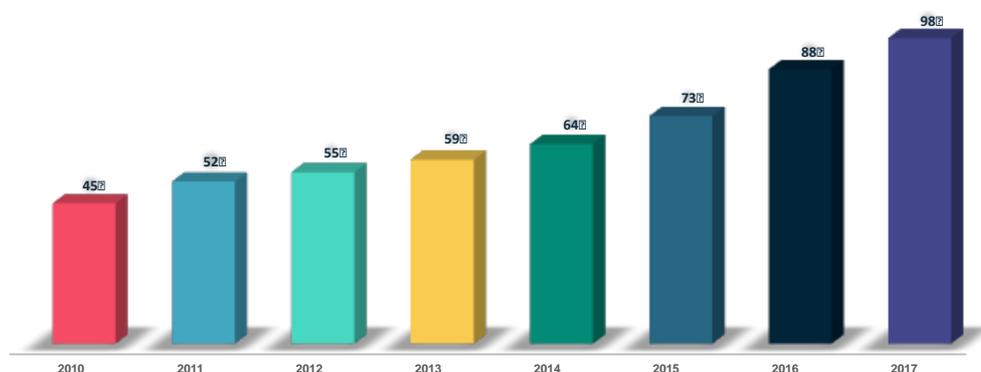


Gráfico 20 – Quantitativo dos professores estrangeiros efetivos da UFRN por ano. Fonte: PROGESP-UFRN, 2018.

## Docentes Estrangeiros Efetivos UFRN por País

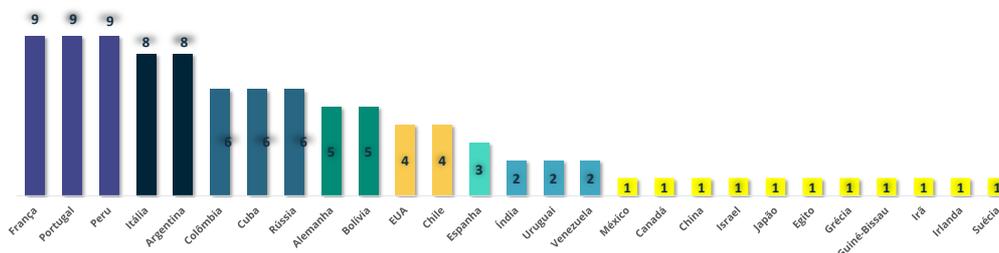


Gráfico 21 – Quantitativo dos professores estrangeiros efetivos da UFRN por país de origem. Fonte: PROGESP-UFRN, 2018.

## Pesquisadores Estrangeiros vinculados a Projetos UFRN



Gráfico 22 – Quantitativo dos pesquisadores estrangeiros vinculados a projetos da UFRN por ano. Fonte: PROPESQ-UFRN, 2018.

### Ações:

- Publicação dos editais de concurso porventura existentes em veículos estrangeiros direcionados ao público específico de cada área de interesse;
- Reedição do Programa de Excelência da Pós-graduação direcionado ao apoio à vinda de professores visitantes para os programas de pós-graduação.

5.8 Apoio à captação, pelos professores, de eventos internacionais para serem realizados na UFRN e às atividades de extensão de caráter internacional, elevando no número de 266 eventos em 2017 a pelo menos 300 por ano.

## Atividades de Extensão e Eventos de caráter Internacional

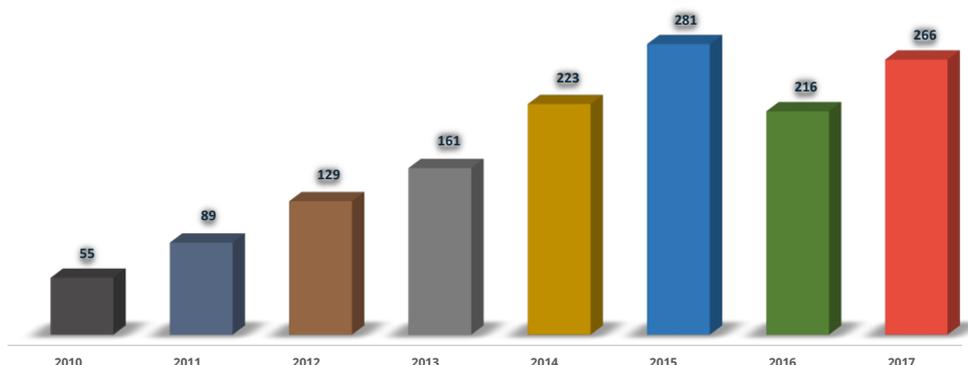


Gráfico 23 – Quantitativo dos eventos internacionais e atividades de extensão organizados por professores da UFRN por ano. Fonte: PROEX- ASCOM/UFRN, 2018.

### Ações:

- Consideração, nos editais de apoio a eventos, da natureza internacional comprovada das propostas inscritas, estabelecendo uma pontuação para essa categoria de eventos nos processos de seleção;
- Promoção de parcerias internacionais específicas para a Extensão, levando a experiência da UFRN a países e regiões em que ações humanitárias sejam necessárias;
- Criação, com a participação do Instituto Ágora e dos cursos de Turismo e de Comunicação, de uma equipe para atuar em eventos que cuide do apoio aos participantes estrangeiros fora das sessões do evento e ofereça opções de lazer e cultura no campus e nos locais de turismo do estado;
- Estabelecimento de parcerias locais, com órgãos governamentais e empresas, para buscar apoio financeiro para as ações de extensão de cunho internacional, evidenciando os benefícios que trazem essas ações para os operadores do turismo e o comércio local.

5.9 Promover a internacionalização da Editora da UFRN, através da publicação de traduções e também de livros em língua estrangeira, prioritariamente em formato eletrônico, na ordem de cinco publicações por ano e pelo menos uma tradução para cada área prioritária por semestre, em parceria com o Núcleo de Tradução do Instituto Ágora.

### **Ações:**

- Estabelecimento parcerias com Editoras Universitárias estrangeiras para publicação recíproca de traduções de artigos;
- Criação, em parceria com o Instituto Ágora, de um fluxo de traduções para o português de artigos de periódicos estrangeiros;
- Divulgação no exterior dos livros publicados pela EDUFRRN, sobretudo junto aos Centros de Estudos Brasileiros no Exterior.

5.10 *Promover a participação dos servidores técnicos administrativos nas atividades de internacionalização, para que essa participação atenda às necessidades da UFRN em seu processo de internacionalização.*

### **Ações:**

- Elaboração e aprovação de Resoluções específicas para a mobilidade internacional dos servidores técnicos administrativos;
- Oferta de cursos de línguas estrangeiras para os servidores que necessitem de uma formação específica, visando prioritariamente aqueles que se encontram em funções de maior necessidade de interação com o público estrangeiro.

## 6. Disposições finais

- O Plano Estratégico de Internacionalização da UFRN tem validade por um período indeterminado, devendo passar por uma avaliação anual pelo Comitê de Gestão da Internacionalização da UFRN;
- Os prazos estipulados para as metas devem ser permanentemente revisados e readequados a novas tendências ou novas conjunturas que venham a atuar sobre o conjunto das ações da UFRN;
- Sempre que alteradas as metas, os pressupostos ou as estratégias de internacionalização aqui apresentados, o Plano deverá ser novamente submetido à apreciação da comunidade acadêmica da UFRN e à aprovação dos órgãos colegiados.

O presente plano foi elaborado e apresentado pelo Comitê de Gestão da Internacionalização da UFRN, nomeado através da Portaria n. 2.634/17-R, de 4 de dezembro de 2017, que assina abaixo.

Natal, 30 de abril de 2018.

Márcio Venício Barbosa  
Secretário de Relações Internacionais e Interinstitucionais – Presidente

Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes  
Pró-Reitora de Extensão Universitária

Maria das Vitórias Vieira Almeida de Sá  
Pró-Reitora de Graduação

Jorge Tarcísio da Rocha Falcão  
Pró-Reitor de Pesquisa

Rubens Maribondo do Nascimento  
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Maria das Graças Soares Rodrigues  
Diretora do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Sidarta Tollendal Gomes Ribeiro  
Diretor do Instituto do Cérebro